



Ministério

Maio - Junho de 2004

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Reavaliando a
identidade pastoral

Os adventistas
e o ecumenismo



**Evidências bíblicas
do juízo pré-advento**



Perguntas e respostas

James A. Cress

Secretário ministerial da Associação Geral da IASD

Em qualquer lugar para onde nossa equipe viaje, nos defrontamos com muitas perguntas. Algumas delas freqüentemente são variações sobre o mesmo tema. Há casos em que elas são feitas em busca de informação sobre algum ponto obscuro; mas em outras ocasiões os consulentes estão em busca de uma plataforma na qual possam fundamentar pontos de vista particulares. Pensei que talvez fosse útil partilhar duas questões típicas, ouvidas em recente concílio ministerial.

É possível provar pela Bíblia, com passagens específicas e sem ser tendencioso, que as mulheres têm permissão para pregar na igreja?

Primeiramente, quero dizer que é quase impossível responder a qualquer pergunta sem alguma tendência, oriunda de antecedentes culturais, experiência espiritual ou bagagem intelectual. Estou seguro de que posso ser considerado tendencioso nesta resposta, considerando-se que minha esposa, Sharon, é uma excelente pregadora.

Mas uma resposta simples, na verdade, é não. Não há textos bíblicos ordenando que mulheres preguem na igreja. Porém, nosso hábito de querer um texto específico para provar qualquer coisa pode se mostrar uma fraca abordagem na busca da verdade. As Escrituras e nossa própria herança denominacional provêm muitos e ricos exemplos de mulheres pregando. Por exemplo, a mulher samaritana pode ser considerada a primeira pessoa, individualmente falando, a quem Jesus deu a tarefa de fazer evangelismo público. E ela conseguiu resultados magníficos. Maria, depois de encontrar-se com Jesus à porta do sepulcro, foi a primeira pessoa a anunciar Sua ressurreição. Nos dias de Paulo, Priscila exerceu um papel de liderança tão significativo que instruíra outros pregadores. E nossa herança adventista está fundamentada na pregação e nos escritos de Ellen G. White. Mas se ainda existem dúvidas, a mensagem de Paulo aos gálatas é uma excelente ajuda: “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28). Nossa prática de não ordenar mulheres ao ministério pastoral não deve ser confundida como uma negativa do chamado que o Senhor faz para todo crente proclamar Sua palavra.

Eu realmente gostaria de receber maior iluminação sobre a teologia do rebatismo.

Eu também. Mas nada encontramos, além da passagem de Atos 19:1-7 a qual fala de 12 crentes batizados por João, na fé precursora do Redentor, e que não conheciam a realidade histórica da vida, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Quando ouviram essa boa-nova, foram novamente batizados. É pouco para dogmatizar.

A Igreja Adventista mantém que pessoas batizadas por imersão em outras igrejas podem ser recebidas por profissão de fé (*Manual da Igreja*, pág. 40). O serviço do lava-pés, na Santa Ceia, é uma lembrança tangível e espiritual da purificação que Jesus opera em todos, e os que buscam o rebatismo deveriam ser primeiramente direcionados a esse ato significativo.

Ellen White fala sobre essa questão: “Isto é um assunto em que cada indivíduo precisa conscienciosamente tomar sua atitude no temor de Deus. Deve ser cuidadosamente apresentado no espírito de benignidade e de amor. Portanto, o dever de insistir não pertence a ninguém senão a Deus; dai-Lhe oportunidade de operar por meio de Seu Espírito Santo na mente, de modo que o indivíduo seja perfeitamente convencido e satisfeito no que respeita a esse passo avançado. Nunca se deve permitir que se introduza e prevaleça nesse assunto o espírito de debate e contenda. Não tomeis a obra do Senhor das Suas para vossas próprias mãos. Os que têm tomado conscienciosamente uma atitude quanto aos mandamentos de Deus, uma vez que se lide com eles devidamente, hão de aceitar toda verdade essencial. ... Alguns serão mais tardios em ver e compreender algumas verdades correlacionadas que outros, especialmente no que respeita ao rebatismo; porém há mão divina a guiá-los – um espírito divino impressionando-lhes o coração, e eles saberão o que lhes cumpre fazer, e o farão.” – *Evangelismo*, págs. 373 e 374.

O *Manual da Igreja*, págs. 42 e 43, aconselha o rebatismo para readmissão de pessoas que foram removidas do rol de membros, devido a falhas causadoras de opróbrio ao testemunho da igreja. Lembremo-nos de que a Igreja, como qualquer Organização, tem autoridade para estabelecer regras pelas quais se governará. **M**

O lava-pés, na Ceia,
simboliza
a purificação
operada por Jesus.

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Ano 75 – Número 03 – Mai./Jun. 2004
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Programação Visual: Alexandre Gassul Streicher
Capa: Arquivo Fotográfico Casa

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Rafael L. Monteiro;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Tiragem: 5.100 exemplares
5935/12313

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970, Brasília, DF

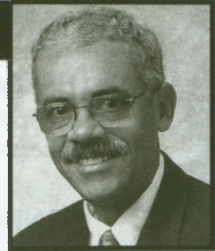


CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização*
escrita do autor e da editora.

EDITORIAL



A realidade do Juízo

Uma das crenças fundamentais adventistas do sétimo dia estabelece: “Há um santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessório por ocasião de Sua ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expição.

“Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de ter parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem, dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a trasladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino.”

O tema do juízo espalha-se através das Escrituras entrelaçado com o tema da salvação. Apresentados por meio da impressiva didática dos serviços do santuário terrestre, também percorrem como um fio dourado as páginas sagradas, do Gênesis ao Apocalipse. Das lições extraídas do antigo Dia da Expição, aprendemos que o processo do julgamento divino compõe-se de três fases: o juízo pré-advento, antes da segunda vinda; o juízo milenial (I Cor. 6:3); e o juízo executivo, que ocorrerá no final do milênio.

A existência de um juízo pré-advento, no entanto, é um dos ensinamentos adventistas mais questionados por muitos eruditos fora da Igreja e até alguns dentro dela. Mas as Escrituras evidenciam que “desde o princípio, no trato de Deus com a humanidade caída em Gênesis 3, podemos observar um modelo de procedimento judicial. Primeiramente, em sua fase investigativa: ‘Onde estás?’ ‘Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore?’ ‘Que é isso que fizeste?’ (Gên. 3:9-13). Na seqüência dessa investigação, Deus anuncia o veredicto nos versos 14-19”. Esse é um dos muitos argumentos apresentados por Gerhard Pfandl, ao defender a realidade do juízo pré-advento, com sólido fundamento bíblico, em matéria desta edição.

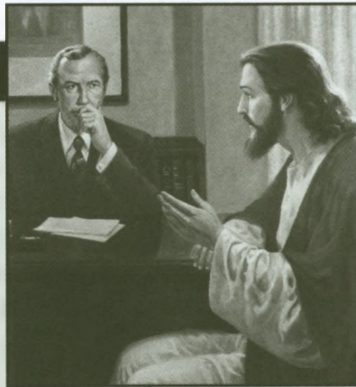
Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 11 • DIAGNÓSTICO DIFERENCIADO**
O que você deve saber para não confundir doença mental com possessão demoníaca.
- 13 • CONFLITO SAUDÁVEL**
Se tratadas num contexto espiritual, situações conflitantes podem fortalecer a igreja.
- 17 • JUÍZO PRÉ-ADVENTO: UMA REALIDADE BÍBLICA**
Provas bíblicas que confirmam a doutrina adventista mais questionada.
- 21 • A SUPREMA REVELAÇÃO DIVINA**
Uma reflexão sobre Jesus Cristo como profeta, mestre, sacerdote e rei.
- 23 • OS ADVENTISTAS E O ECUMENISMO**
Por que a Igreja se aproxima e mantém diálogo com outras denominações cristãs.
- 26 • A RESPIRAÇÃO DA ALMA**
Não é suficiente que o pastor tenha momentos de oração; mas que ore enquanto vive.
- 28 • REAVALIANDO A IDENTIDADE PASTORAL**
O pastor é um homem de Deus; acima e antes de tudo, comprometido com Ele.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL**
- 3 EDITORIAL**
- 4 CARTAS**
- 5 ENTREVISTA**
- 8 AFAM**
- 9 PONTO DE VISTA**
- 16 IDÉIAS**
- 32 NOTÍCIAS**
- 34 RECURSOS**
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**



“Quanto mais valioso é o pastor, alvo mais interessante ele é para o inimigo. Apenas a comunhão íntima com Deus, que também é seu Pastor, Sacerdote, Mestre e Senhor, pode guardá-lo seguro em Seu majestoso serviço.”

Miroslav Kis

CARTAS

Mulheres no evangelismo

Provavelmente, Adly Campos, em seu bom artigo intitulado “Há lugar para elas” (MI jan/fev 2004), não tenha vivido muitos anos no passado, para lembrar a grande contribuição que as mulheres fizeram ao evangelismo nos anos 1930 e 1940. Eu me lembro perfeitamente bem. Muitos dentre os obreiros atuais certamente nunca ouviram falar a respeito de J. L. Schuler, Fordyce Detamore, por exemplo. Poucos instrutores bíblicos alcançaram tanto êxito no trabalho como essas fiéis e dedicadas irmãs. Adly Campos transcreveu uma citação do capítulo “O instrutor bíblico”, do livro Evangelismo, segundo a qual as mulheres “podem realizar nas famílias uma obra que os homens não podem fazer, obra que alcança a vida íntima.

A verdade é que normalmente os obreiros bíblicos sempre foram melhores conquistadores de conversos, no trabalho pessoal, do que os próprios pastores. Nossas mulheres – jovens ou idosas – necessitam adquirir uma visão da grande obra que podem realizar como instrutoras bíblicas. E nossos líderes necessitam canalizar recursos para empregá-las.

Wayne A. Martin, Inman, Carolina do Sul

Paradigmas evangelísticos

Apreciei o artigo “Mudança de paradigmas”, de Ron Gladen, na edição janeiro/fevereiro deste ano, de Ministério. Ele aponta as dificuldades enfrentadas por nosso modelo tradicional de evangelismo, especialmente nos grandes centros marcados pelo sentimento pós-modernista. Então realça a necessidade que temos de avançar na atualização de nossa abordagem evangelística.

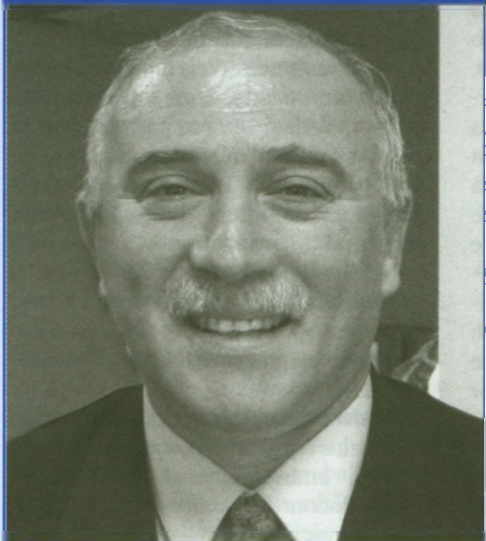
Gostaria de sugerir, entretanto, que o autor escreva uma segunda parte desse artigo, na qual apresente algo na forma de “como fazer”, ou seja, métodos alternativos de evangelização para esses lugares. O que é que realmente está funcionando, hoje, nas modernas Atenas?

Ron Wearner, Willamina, Oregon

Gratidão e apreço

Escrevo-lhes esta carta a fim de manifestar minha gratidão pelo excelente trabalho que fazem através desta revista. Que Jesus Cristo continue abençoando seus esforços. Sou um jovem pastor na África Ocidental, e realmente me sinto abençoado pelas matérias publicadas.

Grah Ezechias Edanh, África Ocidental



Cada crente um discípulo

O imperativo da missão é fazer discípulos. E a garantia do seu êxito é dada na promessa: "Estarei convosco"

Zinaldo A. Santos

Graduado em Teologia pela Universidade Adventista del Plata, na Argentina, onde também fez o mestrado, o Pastor Bruno Alberto Raso recentemente obteve o título de doutor em Teologia Pastoral pela Universidade Peruana União. Em sua trajetória na causa de Deus, trabalhou como pastor distrital no sul da Argentina e em Buenos Aires, liderou vários departamentos na Associação Bonaerense, à qual também serviu como pastor geral durante oito anos. Foi evangelista e secretário ministerial da União Austral e, nos últimos três anos, atua como presidente dessa União. É casado com Dora Otto, filha de pastor, e tem duas filhas.

Durante um encontro de administradores de Campos e instituições da Divisão Sul-Americana, realizado em São Paulo, o Pastor Bruno falou à revista *Ministério*. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Ministério: O senhor acaba de defender uma tese doutoral. Que contribuição ela traz para a Igreja?

Pastor Bruno Alberto Raso: O tema da tese é "Um estudo de fatores pessoais, pastorais, eclesiásticos e comunitários que incidem na missão de fazer discípulos". Tomamos a missão da Igreja e a definimos em termos de discipulado,

como nos ensinam os quatro evangelhos, o ministério de Cristo e o ministério de Paulo. É interessante que o imperativo da comissão evangélica, no evangelho de Mateus, é "fazei discípulos". De modo que tanto o ir como o batizar e o ensinar estão relacionados com a tarefa de discipular. Esse fundamento bíblico foi comprovado através da análise de aproximadamente 30 autores contemporâneos que coincidem ao apresentar um perfil de liderança discipuladora, além dos resultados de uma pesquisa de campo envolvendo 20 igrejas de Buenos Aires e 1.093 membros. O destaque é que nossa tarefa evangelizadora não finda quando batizamos alguém. O alvo é fazer de cada pessoa um converso e de cada converso um missionário que gere outros discípulos. A evangelização não está completa até que façamos de cada crente um discípulo responsável, comprometido com a missão e reprodutivo.

Ministério: Como isso está refletido de maneira prática no desenvolvimento da União Austral?

Pastor Bruno: Pela graça de Deus, tivemos no ano passado o melhor período evangelístico da história da União, quando foram batizadas 9.459 pessoas. Nunca dantes havíamos conseguido batizar tantas pessoas. E, se compararmos esses três anos com os três anos

anteriores, esse número representa um aumento de 45% nos batismos. Sentimos que essa filosofia de discipular, a mobilização e a motivação da irmandade, no contexto do projeto de evangelismo integrado da Divisão Sul-Americana, estão frutificando muitas conversões para a glória de Deus. Hoje, na União Austral, somos cem mil membros, 783 igrejas e grupos, distribuídos em três países – Paraguai, Uruguai e Argentina. Temos sete Campos: as Associações Central, Bonaerense e Norte, além das Missões Noroeste e Sul, na Argentina, e as Missões Uruguai e Paraguai. Continuamos sonhando, orando e trabalhando para crescer ainda mais. Nossa visão não é simplesmente cumprir um alvo de trabalho, mas terminar a tarefa que nos foi confiada por Deus.

Ministério: Nos últimos anos, especificamente a Argentina viveu certa turbulência econômica. Como a Igreja naquela região conviveu com essa experiência?

Pastor Bruno: Num primeiro momento, realmente o impacto foi muito grande em termos institucionais. Os compromissos assumidos em dólares triplicavam-se além das possibilidades, os salários não podiam ser aumentados, além de outras complicações. Mas a Igreja é do Senhor, e Ele a dirige muito bem.

Hoje, podemos dizer que, para a Igreja, a recuperação tem sido realmente extraordinária. Para você ter uma idéia, a média de aumento nos dízimos, no ano passado, em relação ao ano anterior, foi de 26%. Veja, estamos falando de um aumento de dízimos numa situação em que não havia a menor perspectiva humana de que isso acontecesse. Mas, repito, o Senhor cuida de Sua Igreja; e as crises são oportunidades para nos ajoelharmos com humildade, reconhecendo nossa impotência diante da grandeza de Deus, confiando que Ele age com poder, amor e fidelidade em nosso favor.

Ministério: *A união Austral possui instituições expressivas. Como o senhor avalia a influência delas entre a comunidade?*

Pastor Bruno: A comunidade e as autoridades, de um modo geral, têm uma apreciação muito grande por nossas instituições. Como igreja também temos um apreço e até agradecimento muito grandes. O povo sabe que os produtos alimentícios da Granix são saudáveis, puros e de alta qualidade. Quando as pessoas associam essa empresa à Igreja, inevitavelmente valorizam a Igreja também. O mesmo acontece com nossa casa editora, que está completando cem anos pregando o evangelho através da página impressa. São cem anos de bênçãos divinas e de coerência entre o que ensina e pratica. Na verdade, essas instituições estão ligadas diretamente à Divisão Sul-Americana, e nós somos privilegiados em ter sua influência e colaboração em nossas atividades. Da parte da União temos o Sanatório Adventista del Plata, que incorpora o Centro de Vida Saudável, com um perfil altamente missionário. Também temos a Universidade Adventista del Plata, vivendo seu melhor momento em número de alunos e cursos oferecidos. Vale ressaltar que, quando o governo aprovou o curso de Medicina, o fez mediante o exposto conhecimento de que os adventistas formariam médicos diferentes. Os candidatos a esse curso são submetidos a um exame que inclui uma prova bíblica. Ou seja, o governo sabe que formamos médicos com uma vocação cristã, humanitária e de serviço, dificilmente encontrada em outra parte.

Ministério: *E quanto ao envolvimento especificamente missionário?*

Pastor Bruno: A participação é definitivamente total. No ano passado, por

exemplo, todas as instituições foram motivadas a participar de uma semana de colheita evangelística, envolvendo seus obreiros, pastores e estudantes. Houve uma resposta altamente positiva e o pessoal colaborou em várias igrejas, durante uma semana encerrada com batismo. A Faculdade de Teologia anualmente suspende as aulas durante uma semana, para que professores e alunos participem. O pessoal da editora também faz um trabalho extraordinário. Eu mesmo tive o privilégio de pregar na mesma cidade onde esteve pregando o Pastor Arbin Lust, diretor geral da nossa editora. No último sábado da semana, fizemos um batismo unificado de 44 pessoas. Os editores e outros obreiros e servidores também participam. Esse envolvimento faz bem a todos. Obreiros institucionais, em seu

Realizar uma semana de evangelismo, cada ano, faz um imenso bem aos obreiros de instituições.

dia-a-dia, geralmente trabalham longe do povo. De modo que uma semana junto à igreja e aos interessados, alimentando os irmãos, acompanhando os passos de uma decisão por Cristo, além de outras maravilhosas experiências, lhes faz um imenso bem.

Ministério: *O evangelismo público na União Austral se resume a essas semanas de colheita?*

Pastor Bruno: Não. Ainda é realizado segundo o modelo tradicional de várias semanas, porque existem lugares novos, sem presença adventista, que requerem um trabalho mais amplo e com mais tempo. E há também um modelo intermediário, segundo o qual um evangelista prega durante uma semana para despertar interessados. Então os obreiros e a igreja continuam trabalhando com essas pessoas e, em dois ou

três meses, o pregador volta para realizar a semana de decisão. A grande vantagem das semanas de colheita é que elas são mais acessíveis à vida da igreja e da comunidade, com seu ritmo intenso que nem sempre permite que as pessoas tenham três meses de noite livres para assistir às palestras. Mas, no programa da Igreja, há espaço para todo tipo de evangelismo.

Ministério: *Considerando que a União é composta por três países, há diferenças quanto à receptividade do povo à mensagem adventista?*

Pastor Bruno: A Argentina foi colonizada pelos espanhóis; portanto, tem uma cultura eminentemente católica. O mesmo acontece com o Paraguai. Já o Uruguai recebeu uma grande influência da Revolução Francesa, de modo que ali existe um pouco mais de ateísmo. Com tais influências, o povo em geral tem a mente carregada de preconceitos; mostra-se fechado para ouvir ou ler alguma coisa que não seja o autorizado por sua igreja, sua experiência religiosa ou seu conceito de vida. Durante muito tempo temos sofrido forte preconceito de alguns governantes, meios de comunicação e formadores de opinião. Mas a Igreja faz a sua parte, esforçando-se por quebrar as barreiras, através do trabalho das instituições, da Adra, realizando ações comunitárias, além dos pequenos grupos. Ainda não podemos dizer que todos os obstáculos foram transpostos, mas há sinais indicativos de que haverá maior abertura com o passar do tempo.

Ministério: *Estamos, então, diante de um exemplo segundo o qual é difícil um pastor conviver com alvos de batismo numericamente elevados.*

Pastor Bruno: Esta parece ser uma preocupação antiga. Sempre estamos discutindo a respeito de batizar poucos mas bem preparados ou muitos e mal preparados. Mas quem somos nós para, nesse caso, dizer o que é bom e o que é mau? E se insistimos em pensar nesses termos, por que não projetar a conquista de muitos e bem preparados? É verdade que Jesus teria dado Sua vida por uma só pessoa em todo o mundo, e ficaria satisfeito. Mas também é verdade que Ele veio para que haja muitos frutos; e também ficará feliz. A Bíblia fala de pescaria abundante (Luc. 5:1-11) e de árvores que dão frutos. Sabemos perfeitamente o que acontece com ár-

vores que não dão frutos (Luc. 13:6-9). Acredito que podemos equilibrar. Se, na corrida desenfreada para colher muitos, eu não posso alimentar, cuidar, proteger, treinar e capacitar, estou em um extremo. Por outro lado, se eu cuido, dou pasto, água, proteção e ensino, mas não gero discípulo, também não estou cumprindo a missão. A mensagem de Cristo é muito clara: "Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio" (João 20:21). De modo que somos continuadores da missão de Cristo. E Ele veio para buscar e salvar o perdido. Talvez o problema seja uma questão de ênfase. Temos que enfatizar mais os alvos de trabalho do que alvos de resultado. Quando há trabalho, em oração, humildade e comunhão com o Senhor, os resultados surgirão.

Ministério: *Já que o senhor falou há pouco em pequenos grupos, parece que esse é o principal método de evangelização em algumas regiões. É assim também no seu Campo?*

Pastor Bruno: Bem, nós abraçamos totalmente o programa de evangelismo integrado da Divisão Sul-Americana. Esse projeto inclui diversas frentes de trabalho: Um Milhão em Ação, pequenos grupos, estudos bíblicos pessoais, evangelismo público e outros ministérios. É uma integração, no sentido pleno da palavra. Agora, descobrimos que, em nossa região, os pequenos grupos e as semanas de colheita, ou decisão, configuram a melhor combinação para despertar o interesse, instruir e levar pessoas a Cristo. Evidentemente, tudo isso está apoiado pelo trabalho das publicações, da Adra, das emissoras, da irmandade como um todo, das escolas, da saúde, etc. Mas do ponto de vista da colheita, de culminar com a decisão das pessoas e confirmação delas na igreja, pequenos grupos e semanas de colheita formam a melhor combinação em nosso território.

Ministério: *Quais as metas da União Austral neste Ano da Evangelização Mundial?*

Pastor Bruno: Estamos envolvidos neste desafio e animados para enfrentá-lo. Queremos ultrapassar, pela primeira vez em nossa história, a marca dos dez mil batismos em um ano. Nesse sentido há uma convocação geral para envolvimento de todos os jovens, mulheres, instituições, líderes; enfim, de toda igreja. Cada setor tem progra-

mações específicas de modo que não apenas batizemos dez mil pessoas, mas as confirmemos na fé e na esperança do breve encontro com Jesus.

Ministério: *Que fatos o senhor destacaria como sendo as grandes conquistas missionárias da União Austral, nos últimos cinco anos?*

Pastor Bruno: Eu diria que, ao lado do maior crescimento na conquista de conversos na história da União Austral, podemos mencionar a implantação e expansão de emissoras de rádio. Além das que já possuíamos na Universidade del Plata, em Córdoba, Baía Blanca e em Salta, estamos adicionando outra em Tucuman, noroeste argentino, duas outras no Uruguai (Montevideu e Punta del Este) e mais

Se não tivermos uma visão de eternidade, nada do que fizemos, como administradores e como Igreja, terá sentido.

uma no Paraguai. Verificamos também a estabilização e consolidação missionária das instituições médicas e educacionais. Junto a tudo isso, não podemos deixar de mencionar a fidelidade dos irmãos, seu amor pela Igreja, comprometimento missionário, fidelidade nos dízimos e generosidade nas ofertas, que possibilitam o avanço da missão.

Ministério: *Para o senhor, o que significa administrar a Igreja de Deus nos dias atuais?*

Pastor Bruno: Creio que mais do que administrar, somos chamados a liderar. Não somos donos da Igreja; o Senhor é o dono. Somos servidores do dono, para amar e servir à Igreja. Temos que ser facilitadores de idéias, planos, metodologia de trabalho e recursos aos irmãos, pastores e instituições, para que

todos desfrutem a satisfação de ver cumprida a missão que lhes cabe. Nesse sentido, temos um trabalho de liderança espiritual que necessita ser feito neste tempo tão especial, com prioridades claras, com um sentido de missão em tudo o que fazemos. Todos os nossos projetos e atividades devem passar pelo filtro do reino dos Céus e da eternidade. Do contrário, nada do que fizermos, como administradores, líderes e Igreja, terá sentido. Precisamos focalizar claramente nossas prioridades e ter bem definido aonde necessitamos chegar como Igreja e como indivíduos.

Ministério: *Gostaria de enviar uma mensagem especial aos pastores da Divisão Sul-Americana?*

Pastor Bruno: Primeiramente, uma palavra de gratidão a Deus pelos companheiros de ministério desta grande Divisão e o compromisso vocacional e missionário de cada um deles. Desejo convidá-los a renovarmos nossa entrega, nosso relacionamento com Jesus, nosso compromisso com Sua Igreja e com a missão. Vamos focalizar de maneira bem definida e clara nossas prioridades. Empenhemo-nos em mobilizar nossa irmandade na direção e no sentido da eternidade. No evangelho de Mateus, Cristo Se declara detentor de toda autoridade no Céu e na Terra. No Céu, porque é o Criador. Na Terra, porque já havia experimentado a cruz e a sepultura. Com tal autoridade, Ele nos ordena fazer discípulos em todas as nações. "Ide... fazei discípulos... batizando-os... ensinando-os..." (Mat. 28:18-20). Quer dizer, façam discípulos, gerem crentes convertidos e missionários para alcançar outros indivíduos. Porém, o evangelho não termina com essa ordem. Sua conclusão é uma promessa: "E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século." Geralmente aplicamos essa promessa quando visitamos pessoas desanimadas, em algum tipo de crise ou enfermas. E isso está bem. Mas não devemos nos esquecer que ela foi dada para nos ajudar a cumprir a missão. Quando leio que Jesus nos deixou uma missão e prometeu estar conosco durante o seu cumprimento, isso me comove, emociona e me leva a comprometer-me com Ele e Sua missão. Confie-mos em Sua promessa, entreguemo-nos a Cristo, trabalhe-mos, colhemos os frutos e, a exemplo dEle, fiquemos satisfeitos (Isa. 53:11). **M**

Amigas de verdade

“Em todo o tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão”



Meibel Mello Guedes

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na União Sul-Brasileira

O que realmente significa, para nós, a amizade? É possível que você ainda não tenha parado para refletir sobre a necessidade e o valor de nutrir uma amizade verdadeira. Para nosso equilíbrio emocional, tão importante como *ter é ser* amiga.

Quem nunca sentiu, em algum momento, a necessidade de compartilhar algo bom, que lhe proporcionou muita alegria, e logo pegou o telefone para contar a uma amiga? Ou, no caminho inverso, quem nunca foi alvo desse gesto? Certamente, há ocasiões em que você está triste, devido a algum acontecimento negativo, e deseja ter um ouvido amigo para dividir a sua dor. É muito gratificante encontrar uma amiga que esteja disposta a ouvir e com quem podemos dividir tanto as alegrias como as cargas que levamos.

Empatia

As mulheres tendem a desenvolver mais que os homens essa empatia. Uma pesquisa realizada pela revista *Family Circle*, envolvendo 1.500 mulheres, revelou que 60% delas, quando se sentem infelizes, preferem falar com sua melhor amiga do que com o esposo. Em parte, isso se deve ao fato de uma mulher poder entender melhor as circunstâncias da vida da outra. Estudos sobre as diferenças entre o cérebro masculino e o cérebro feminino revelam que a mulher pensa de maneira mais global, enquanto o homem pensa de modo mais racional e rápido. No entanto, diz-se que os pensadores globais são mais empáticos. Sem dúvida, é muito importante ter alguém que resolva problemas, mas existem momentos em que não é de uma resposta racional que a mulher está precisando.

Certa senhora estava passando roupa e queimou uma blusa. Olhando para o esposo, muito aborrecida, exclamou: “Olha o que aconteceu! Queimei a blusa de que tanto gosto!” Calmamente, o esposo fitou-a e disse: “Bem, o ferro está muito quente. O que você precisa fazer

para que isso não aconteça mais é diminuir a temperatura dele.” Mas o que a esposa realmente queria naquele momento era receber algumas palavras de conforto. Algo como: “Ah, que pena. Não fique triste. Podemos ir a uma loja e comprar outra blusa parecida com esta.”

Algumas mulheres ficam frustradas ao descobrir que o esposo vê as coisas dessa forma. Segundo a sócio-lingüista Débora Tannen, os homens se sobressaem nas narrativas. Dizem três vezes mais palavras em público do que em particular, pois gostam de narrar fatos. As mulheres, por sua vez, falam três vezes mais palavras em particular do que em público, sobressaindo-se no que elas chamam de conversa íntima. Gostam de trocar experiências, de conversar umas com as outras.

Quando participo de retiros espirituais femininos, percebo que nos momentos em que são formados os grupos de oração as mulheres compartilham seus pedidos e suas aflições, colocando as mãos no ombro uma da outra, como se estivessem dizendo: “Estou aqui para apoiá-la; fique tranqüila. Você agora tem uma nova amiga”; ou: “Nós continuaremos mais amigas ainda; estarei sempre orando por você.”

Conservando a amizade

Nascemos para viver em sociedade; para viver e manter um relacionamento interpessoal, quer seja na família ou em um círculo maior. Assim, é necessário termos conhecimento de alguns fatores importantes para a conservação da amizade. Veja estas dicas:

- Cumprimente as pessoas com um sorriso. Você receberá de volta a mesma alegria.
- Trate as pessoas de forma personalizada. Todo mundo gosta de ouvir o próprio nome.
- Faça com que sua amiga sinta que você a valoriza.
 - Tenha sempre uma palavra sincera de elogio.
 - Saiba ouvir e dê importância aos sentimentos e opiniões dela.
 - Seja cordial, alegre, otimista em todas as circunstâncias.

Uma amiga sincera é uma das maiores bênçãos de Deus. Ela não aparece apenas nos momentos de festa, de alegria, nem nas horas em que você pode servi-la. Está presente sempre, especialmente quando é você quem precisa de ajuda. E lembre-se: tão importante como ter, é ser esse tipo de amiga.

Há, entretanto, um “amigo mais chegado do que um irmão” (Prov. 18:24): Jesus. Ele conhece o seu coração e sabe de todas as suas ansiedades. Tem mil maneiras de resolver cada um dos seus problemas. A respeito desse amigo, a Bíblia nos aconselha: “Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (II Ped. 5:7). **M**

Matança bíblica

As mortes no Antigo Testamento aproximam os conceitos de justiça e amor



Erico Tadeu Xavier

Pastor da igreja central de Joinville, Santa Catarina, Brasil

Relatos concernentes à matança de pessoas no Antigo Testamento têm sido um fator de questionamentos por parte de muitos leitores da Bíblia. Estaria Deus sendo incoerente, promovendo a mortandade e ao mesmo tempo proibindo o homem de matar (Êxo. 20:13)? São vários os termos bíblicos alusivos à matança dos povos no Antigo Testamento: ira, justiça, juízo, julgamento, vingança, desolação, destruição, dia do Senhor, entre outros.

Um aspecto geralmente relacionado a essa matança é o castigo divino. Esse castigo é apresentado na forma de pragas, enfermidades, vento, sol, chuva, crises agrícolas, fome, humilhação e morte (Êxo. 7 a 10; Núm. 16:30-35; Deut. 28:15-62; Jer. 14:1-6; Jonas 4:8). Há morte de adultos, jovens e crianças (I Sam. 15:3; II Reis 23 e 24); morte do estranho e o do próprio povo de Deus, os de fora e os de dentro. A morte atinge a casa de Faraó bem como a casa do sacerdote Eli (Êxo. 12:29; I Sam. 2:27-34; 4:11). Mortes também são observadas por operação direta de Deus, como é o caso do Dilúvio; e por instrumentalidade humana, como em algumas guerras. Os amalequitas e cananeus, por exemplo, foram meios de punição capital (Núm. 14:42-45). Através de Sansão, muitos filisteus foram mortos (Juí. 16:29 e 30).

Há matança através do fogo, água, espada e fenômenos naturais (Núm. 16:28-33; I Sam. 7:10). Grandes cidades, tais como Sodoma e Gomorra, foram destruídas, assim como grupos menores: os 450 profetas de Baal, a família de Acã, ou mesmo indivíduos, como Belsazar. O castigo podia afetar os descendentes dos culpados e outros bens (Núm. 26:22; Deut. 13:15 e 16; 32:25; I Sam. 15:3). Dessa forma, podia ter um caráter preventivo para um povo que valorizava a família (Êxo. 20:5 e 6; 34:7; Núm. 14:18; Deut. 5:9; Josué 7:24; Jer. 32:18).

Motivos para castigar

Um estudo atento da Bíblia apresenta duas classes de motivos para castigar pessoas e povos,

no Antigo Testamento: um motivo geral e motivos específicos. Como motivo geral, lembramos a depravação total do ser humano (Gên. 6:5; Sal. 14:2 e 3; Rom. 1:29; Efés. 4:18 e 19).

Entre os motivos específicos podem ser enumerados alguns pecados: Feitiçaria (Êxo. 22:18; Deut. 18:11 e 12), idolatria (Núm. 25:1-9; I Reis 18:22-40), zombaria (II Reis 2:23 e 24), murmuração (Núm. 14:26-45; 21:5 e 6), rebelião (Núm. 16:1-33), irreverência (I Sam. 2:12-17; Núm. 16:35). Em Ezequiel 18:10-12, os motivos da matança podiam ser roubo, crime, adultério, opressão, idolatria e agiotagem. Levítico 20:9-17 contém uma classificação de atos imorais que deveriam ser punidos com morte. Acrescente-se ainda a perseguição ao povo de Deus como razão da matança. É o caso dos exércitos de Faraó destruídos no Mar Vermelho, entre outras ocorrências.

Houve, portanto, a causa remota e a próxima. A remota foi a queda inicial e geral da humanidade. A próxima foi a manifestação da queda em diversas expressões de perversidade e ofensa ao Deus santo e justo.

Base bíblica

Há dois fundamentos escriturísticos, a partir do Antigo Testamento, para esse ato estranho (Isa. 28:21) de Deus. O primeiro fundamento é a aliança de Deus com o Seu povo. Ao organizar Seu povo escolhido, a nação santa, Deus estava montando uma representação de Si mesmo na Terra, através desse povo eleito. Era a implantação do regime teocrático, no qual Ele mesmo governava diretamente.

Israel deveria representar a pessoa e o caráter de Jeová. Como o Senhor havia assegurado a Abraão que a Terra da Promessa seria possuída, qualquer obstáculo a essa conquista teria que ser removido, ainda que fosse a matança dos inimigos (Êxo. 14:27-30; Juízes 11:27, 32 e 33). Assim, o conceito de justiça se aproxima do conceito de amor. Para preservar o povo eleito, era lícito eliminar adversários rebeldes.

A destruição de Midiã e de Jericó são dois bons exemplos dessa realidade. Números 31 descreve a destruição total dos midianitas que haviam conspirado a fim de seduzir os israelitas e induzi-los à fornicção e à idolatria, no incidente em Ball-Peor (Núm. 25:1-9). O resultado foi uma praga contra os israelitas, que lhes custou 24 mil mortos, além do afastamento de Deus. A hediondez do pecado deles contra o povo eleito junto com a ameaça de sedução à apostasia sujeitaram os midianitas ao julgamento divino, de modo que se formou um exército de 12 mil guerreiros; mil de cada tribo, sob a liderança de Finéias, neto de Arão (v. 6).

O ataque foi tão bem-sucedido que, sem uma baixa sequer (v. 49), os israelitas derrotaram e mataram os cinco reis dos midianitas bem como todos os seus soldados. Balaão, que fora o instigador da apostasia em Baal-Peor, morreu nessa batalha. Todas as mulheres e as jovens que ha-

viam sido sexualmente ativas foram sentenciadas à morte (vs. 15-18), depois de Moisés haver ordenado nesse sentido. Somente foram poupadas as virgens, as quais foram tomadas como servas nas casas dos israelitas.

Teria sido moralmente justificada essa ação militar? Os que desejam argumentar que foi uma atitude cruel e desnecessária devem discutir com o próprio Deus que comandou a operação. Entretanto, parece que, à luz de todas as circunstâncias e do contexto da crise, a integridade da nação toda estava em perigo. Se a terrível ameaça que pesava contra a existência de Israel, como povo da aliança, houvesse sido tratada de forma menos rigorosa, é muitíssimo duvidoso que os israelitas tivessem conseguido conquistar Canaã, ou exigido a devolução da Terra Prometida como herança sagrada de Deus.

Sobre a destruição de Jericó, Josué declara: “Tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente a fio de espada, tanto homens como mulheres, tanto meninos como velhos, também bois, ovelhas e jumentos” (Jos. 6:21).

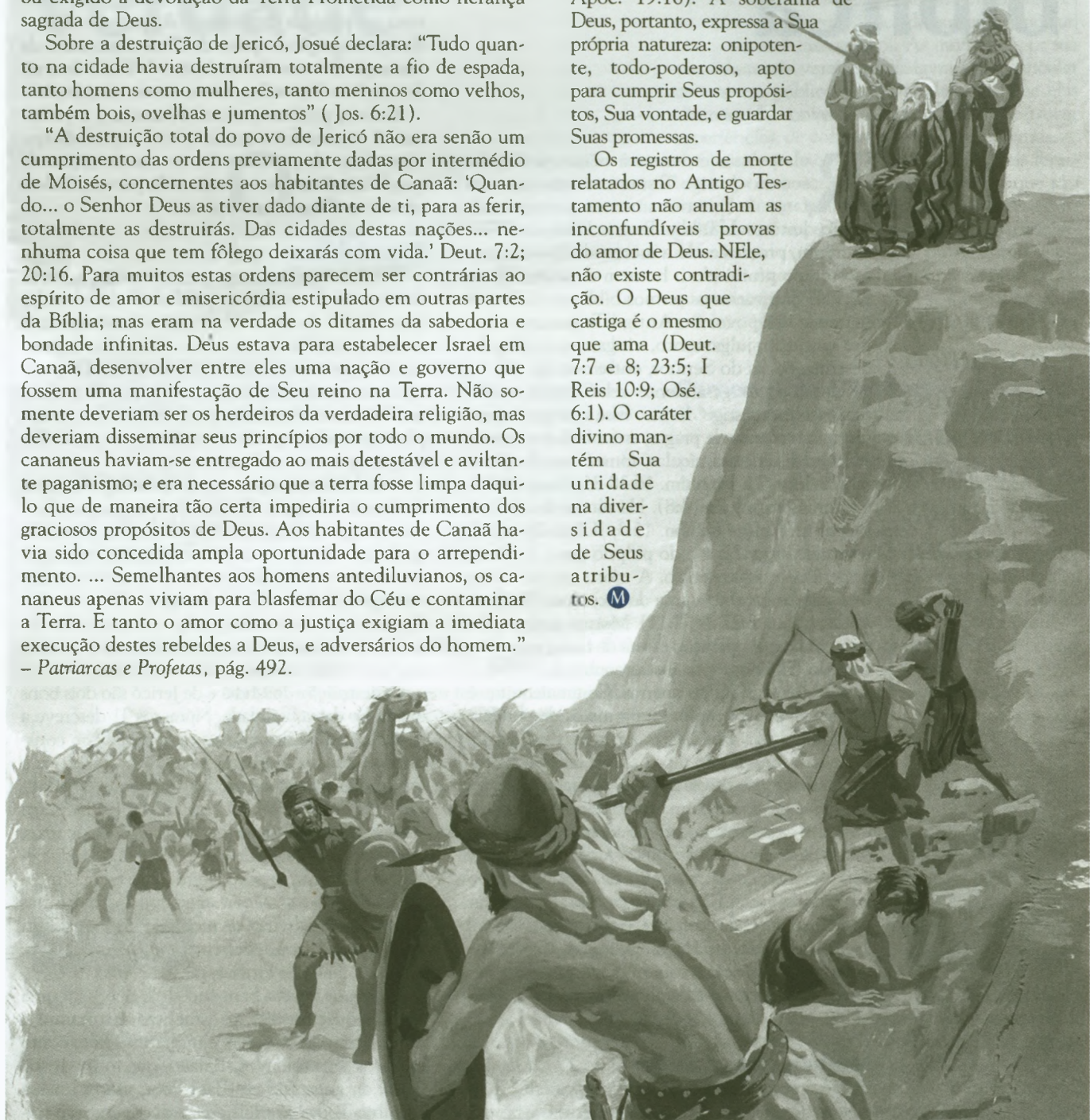
“A destruição total do povo de Jericó não era senão um cumprimento das ordens previamente dadas por intermédio de Moisés, concernentes aos habitantes de Canaã: ‘Quando... o Senhor Deus as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás. Das cidades destas nações... nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida.’ Deut. 7:2; 20:16. Para muitos estas ordens parecem ser contrárias ao espírito de amor e misericórdia estipulado em outras partes da Bíblia; mas eram na verdade os ditames da sabedoria e bondade infinitas. Deus estava para estabelecer Israel em Canaã, desenvolver entre eles uma nação e governo que fosse uma manifestação de Seu reino na Terra. Não somente deveriam ser os herdeiros da verdadeira religião, mas deveriam disseminar seus princípios por todo o mundo. Os cananeus haviam-se entregado ao mais detestável e aviltante paganismo; e era necessário que a terra fosse limpa daquilo que de maneira tão certa impediria o cumprimento dos graciosos propósitos de Deus. Aos habitantes de Canaã havia sido concedida ampla oportunidade para o arrependimento. ... Semelhantes aos homens antediluvianos, os cananeus apenas viviam para blasfemar do Céu e contaminar a Terra. É tanto o amor como a justiça exigiam a imediata execução destes rebeldes a Deus, e adversários do homem.”
– *Patriarcas e Profetas*, pág. 492.

Deus soberano

Não apenas a aliança justifica interferências drásticas. A soberania de Deus deve ser respeitada. Do princípio ao fim, a Bíblia está marcada por pronunciamentos e ações do soberano Deus, a quem não temos razões para replicar (Rom. 9:20). “Nos Céus, estabeleceu o Senhor o Seu trono, e o Seu reino domina sobre tudo” (Sal. 103:19).

Como o Altíssimo, Deus “tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer” (Dan. 4:17, 25, 34; 5:21; 7:14). Davi, rei de Israel, reconhece: “Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque Tu é tudo quanto há nos Céus e na Terra” (I Crôn. 29:11). Deus é o “único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (I Tim. 6:15; Apoc. 19:16). A soberania de Deus, portanto, expressa a Sua própria natureza: onipotente, todo-poderoso, apto para cumprir Seus propósitos, Sua vontade, e guardar Suas promessas.

Os registros de morte relatados no Antigo Testamento não anulam as inconfundíveis provas do amor de Deus. NEle, não existe contradição. O Deus que castiga é o mesmo que ama (Deut. 7:7 e 8; 23:5; I Reis 10:9; Osé. 6:1). O caráter divino mantém Sua unidade na diversidade de Seus atributos. **M**





Lídio Vargas
Riquelme

Pastor distrital
em Porto Iguazú,
Argentina

Saúde Mental

*Enfermidades mentais
ou físicas nem sempre
devem ser confundidas
com possessão demoníaca.
As Escrituras fazem
distinção entre
as duas coisas*

Diagnóstico diferenciado

A Bíblia reconhece quão difícil é para os seres humanos conhecer a mente humana em seu funcionamento normal (Jer. 17:9). Maior dificuldade encontraremos para conhecer uma mente que apresenta certa anormalidade. A idéia generalizada entre as religiões populares é que as enfermidades mentais são produzidas por uma força maligna. Seria realmente assim?

A possessão demoníaca ocorre quando um demônio faz morada em uma pessoa, exerce influência e controle diretos sobre ela, gerando certos danos a suas funções mentais ou físicas. É preciso diferenciar a possessão demoníaca da influência ou atividade demoníaca contra uma pessoa. Nesse último caso, o demônio atua de fora para dentro; ao passo que na possessão, ele opera de dentro para fora. Segundo essa definição, o demônio não pode apossar-se do crente fiel, já que este é morada do Espírito Santo. Além disso, não encontramos na Bíblia casos de fiéis filhos de Deus que tenham sido afetados por essa experiência. Mas eles podem ser objeto de opressão, a ponto de darem a impressão de estar possuídos.

Tipos de Possessão

É geralmente aceito o fato de que existem três tipos de possessão demoníaca:

Passiva interativa. Tal é o caso de uma pessoa que vive em pecado e é dominada por esse poder. É passiva porque não aparece nenhum transtorno visível. Também é interativa, porque o indivíduo participa de forma consciente ou inconsciente. Não é necessário que a pessoa realize algum rito especial para colocar-se sob o poder do inimigo. O simples fato de negligenciar a entrega de si mesma a Deus a submete, passivamente, ao mando de outro poder.

“Mas a menos que nos entreguemos ao domínio de Cristo, seremos governados pelo maligno. Temos inevitavelmente de estar sob o domínio de um ou de outro dos dois grandes poderes em conflito pela supremacia do mundo. Não é necessário que escolhamos deliberadamente o serviço do reino das trevas para cair-lhe sob o poder. Basta negligenciarmos fazer aliança com o reino da luz.”¹

“Toda alma que recusa entregar-se a Deus, acha-se sob o domínio de outro

poder. Não pertence a si mesma. Pode falar de liberdade, mas está na mais vil servidão.”²

Ativa interativa. Esse tipo ocorre no caso de práticas espiritualistas, nas quais a pessoa entrega sua vontade ao inimigo. Temos como exemplo, o candomblé, religião e culto afro-brasileiros onde são celebrados os orixás³ através de cânticos e danças acompanhados por oferendas e percussão, o espiritismo e outras formas de culto em que se dá preeminência ao emocional sobre o intelectual. Esses grupos se vangloriam de que Deus esteja operando milagrosamente em seu favor, quando, na realidade, o poder provém de outro espírito.⁴

Possessão abrupta. Acontece quando o espírito mau toma a mente e o corpo de uma pessoa sem defesa racional ou física. Esse foi o caso do endemoninhado gadareno (Mar. 5:1-17). Mateus menciona esse tipo de possessão (Mat. 4:24). Nos casos anteriores, o indivíduo de alguma forma dá seu consentimento, tanto para ver-se perturbado como para livrar-se do poder maligno. Na possessão abrupta necessariamente não deve ser assim.

Efeitos da possessão

Ocasionalmente, segundo o registro bíblico, a possessão pode desencadear uma enfermidade física, como nas ocorrências registradas em Mateus 9:32 e 33; Lucas 13:11 e 16. Ellen White explica que “os espíritos do mal procuram ativamente controlar as mentes humanas... Satanás fará adoecer o povo e depois tirará dele seu poder satânico”.⁵

A mente deve estar bem protegida. Através dela, Deus Se comunica com o homem.

Também podem ocorrer distúrbios mentais ocasionais, como o caso do jovem lunático que se lançava no fogo e na água (Mat. 17:15). Isso não significa que sempre deva acontecer dessa maneira, ou que qualquer perturbação mental ou emocional deva ser atribuída aos efeitos de uma possessão demoníaca. Daniel e Nabucodonosor são bons exemplos. Ambos passaram por situações similares e momentâneas de alterações mentais enquanto Deus, de diferentes formas, comunicava-Se com eles. E o inimigo não teve ingerência nenhuma no assunto (Dan. 4:19, 31-34).

As vezes torna-se muito difícil distinguir entre uma possessão demoníaca e alguns casos típicos de delírios psicóticos. No delírio psicótico, o paciente atribui sua conduta a uma ordem divina e produz atos violentos, muitas vezes homicidas, contra si mesmo ou contra sua própria família. Daí a importância de prevenir o aprofundamento de uma psicose com tratamento profissional adequado que pode evitar um desenlace violento e irreversível.

Muitos cultos carismáticos que apelam às emoções e aos sentidos são um perigo latente para o frágil equilíbrio de alguns psicóticos que perdem de forma absoluta o sentido da realidade e cometem atos irracionais, atribuindo-os a um mandato divino. Uma simples enfermidade orgânica, ou mental, nem sempre deve ser atribuída às forças do mal, pois a Bíblia faz uma clara distinção entre uma e outra (Atos 5:16). Essa atitude é incorreta, porque minimiza a importância da parte que cada cristão tem no cuidado da própria saúde. Afinal, a maioria das doenças que afetam a popu-

lação em nossos dias é produzida pelo estilo de vida de cada pessoa.

Classificação de enfermidades mentais

As doenças mentais podem ser classificadas da seguinte maneira:

Transtornos vasculares. Esses podem ser o acidente vascular cerebral hemorrágico, mais conhecido como derrame, e o acidente cerebral vascular isquêmico.

Transtornos neuroquímicos de função metabólica. Como exemplos desse tipo de afecção temos a epilepsia, as depressões, a esquizofrenia e os diversos tipos de psicose.

Enfermidades degenerativas cerebrais. Nesse grupo encontra-se o mal de Alzheimer, uma atrofia cerebral na qual o cérebro vai perdendo paulatinamente suas funções. Mas há outras várias formas de demência, como a esclerose múltipla e o mal de Parkinson.

Repetidas vezes somos alertados para o fato de que grande parte das enfermidades que hoje nos afligem tem origem na mente, e que esta deve ser bem protegida, pois é através dela que Deus Se comunica conosco.⁶

Sintomas confundíveis

Durante a apresentação do coral num culto de adoração, uma das cantoras caiu, diante do olhar surpreso dos fiéis. Dois robustos diáconos agiram imediatamente, um médico que se encontrava na congregação correu em direção à sala pastoral, para onde tinha sido levada a irmã, disposto a socorrê-la. Ao entrar na sala, viu um grupo de irmãos orando, com as mãos impostas sobre a mulher, “repreendendo o inimigo” suposto causador do incômodo.

O médico se aproximou da paciente, examinou-lhe os olhos e abrindo uma garrafa de suco de uva, reservado para a Santa Ceia, fê-la beber um pouco do seu conteúdo. No mesmo instante, ela recobrou a razão e revelou seu problema de hipoglicemia. Até então, ela não havia ingerido alimento algum, porque estava jejuando naquele sábado.

Tanto as enfermidades mentais como os casos de possessão demoníaca apresentam comportamentos parecidos, conhecidos como sintomas confundíveis. Portanto, devemos ter muito cuidado ao avaliar um paciente com sinais apa-

rentes de possessão. Quando alguém apresenta um distúrbio mental, faça-se primeiramente uma avaliação pastoral responsável, então um diagnóstico clínico e psicológico ou psiquiátrico.

A possessão demoníaca é distinta e normalmente não aparece em exames médicos, porque o cérebro está são e a enfermidade é espiritual. Quando erramos o diagnóstico em uma afecção mental ou física e a qualificamos de doença espiritual, causamos sofrimento ao paciente e a seus familiares. Uma avaliação pastoral minuciosa, antes do exame médico, evitará que se cometa enganos no diagnóstico. Esgotadas essas instâncias, poderá ser presumida a existência de um caso de possessão demoníaca e administrado o tratamento apropriado.

Não raro, familiares e paciente sofrem nas mãos de crentes indoutos, ao serem estigmatizados ou condenados à própria sorte por causa de algum problema. A saúde mental não é assunto só de loucura; muito menos a existência de alguma anormalidade deve ser atribuída a forças satânicas. Um doente mental deve ser encaminhado a um psiquiatra, pois a maior parte desse tipo de enfermidade pode ser curada ou controlada com tratamento adequado, administrado por um profissional competente. Ninguém que conheça uma pessoa que sofra de uma desordem mental deve hesitar em buscar ajuda especializada.

Nenhuma pessoa que frequenta a igreja e tenha uma relação normal com Deus será tomada de maneira abrupta pelo demônio. O cristão ativo está ligado a Deus e repele a atração do inimigo, que não terá poder sobre ele. Quanto mais próximos estivermos de Deus, mais longe estaremos do inimigo. Uma vida espiritual ativa é a melhor medida preventiva contra esse flagelo.

O silogismo que todo cristão deve ter em mente é este: Eu, como ser humano, sou frágil, o demônio é poderoso, mas Deus é Todo-poderoso. Aleluia. **M**

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 324.
- ² *Ibidem*, pág. 466.
- ³ Orixás: cada uma das divindades dos cultos afro-brasileiros, que personificam aspectos da natureza e/ou atividades humanas.
- ⁴ Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 517.
- ⁵ _____, *Maranaa: El Señor Viene*, pág. 146.
- ⁶ _____, *Mente, Caráter e Personalidade*, vol. 1, págs. 72 e 73.



David W. Hinds

D.Min, pastor
adventista em Orleans,
Louisiana, Estados
Unidos

Liderança

*“Onde não existe
nenhuma insatisfação,
nenhuma visão
de alguma coisa melhor,
nenhum sofrimento, há pouca
chance de ação.”*

James D. Berkley

Conflito saudável

Uma pesquisa publicada pela revista *Christianity Today*, do bimestre março/abril de 1996, apresentou dados reveladores das razões pelas quais alguns pastores deixaram o ministério ou foram incentivados a renunciar. Os números apontavam que 46% o fizeram devido a um conflito na visão que tinham entre si mesmos e a igreja; 38%, em virtude de conflitos com líderes de suas congregações; 32% deixaram o trabalho por causa das expectativas consideradas irrealistas colocadas sobre seus ombros; 22%, devido a conflitos com membros em geral, e 21%, por diferenças teológicas.

Estatísticas como essa colocam diante de nós, mais uma vez, um dos grandes perigos do pastorado. E também apontam o potencial destrutivo atrás dos conflitos que geram hostilidade, usualmente sem reconciliação. Felizmente, os cristãos desaprovam conflitos. Esperamos que nossas igrejas sejam comunidades de reconciliação e integração.

Ao mesmo tempo, necessitamos aceitar o outro lado, que é negativo. Sabemos e sentimos que todo conflito é anticristão, e que podemos promover a paz simplesmente evitando-o ou nos recusando a falar sobre ele. Entretanto, independente de nossos temores em

relação a ele ou de nossa preferência em não confrontá-lo, a verdade é que ele está aí e parece ter vindo para ficar.

Falando de um modo geral, é difícil convivemos com igrejas em conflito, particularmente quando há conflitos entre indivíduos e grupos na congregação. A controvérsia parece ser a negação de muito do que nós cremos e pregamos. É uma força que tende a separar, ao contrário de ter o potencial de manter as pessoas unidas. Sempre desejamos que o conflito permaneça fora da igreja. Podemos aceitar facilmente tensões entre a igreja e o mundo, mas a existência de contendas dentro da igreja é algo perturbador. Para muitos de nós, o conflito implica fraqueza e falha em viver segundo a luz que nos foi dada e nosso chamado para partilhar essa luz com o mundo.

Lado construtivo

Eu costumava pensar que todos os conflitos da igreja eram motivados pelo adversário de nossa alma. Como um incêndio perpetrado por algum sanguinário sinistro, o conflito destruiria a igreja; e qualquer membro ou pastor que de alguma forma se engajassem nele era um instrumento do demônio e necessitava ser vigiado.

A experiência, entretanto, me ensinou uma outra visão. Ao estudar o conflito na Bíblia, fui levado a observá-lo sob uma luz mais positiva. Se abordadas num contexto espiritual, questões conflitantes podem fortalecer a igreja e unir a comunidade da fé.

Quando compreendemos a natureza do conflito, isso nos ajuda a administrá-lo antes que sejamos esmagados por ele. O conflito tem a ver com o reconhecimento, a comunicação e a resolução de dificuldades. Visto através dos olhos da Escritura, eles não necessitam obrigatoriamente levar à revolução e à destruição, mas podem ser direcionados para fins construtivos.

Em si mesmo, o conflito é um processo neutro, movendo do caos à reconciliação. Torna-se valioso ou ameaçador somente enquanto as pessoas experimentam sua maneira peculiar e redentiva de unir velhos paradigmas aos novos. Quando bem direcionado, o conflito pode conservar nossas igrejas vibrantes e em crescimento. James D. Berkley cre que “onde não existe insatisfação, nenhuma visão de alguma coisa melhor, nenhum sofrimento, há pouca chance de ação. Uma igreja com alguma quantidade saudável de tensão e conflito é uma igreja viva”.

Modelos do Novo Testamento

O Novo Testamento nos oferece alguns modelos de resolução de conflitos que produziram reconciliação, cura e capacitação da igreja, bem como a proclamação unida do evangelho, por aquelas pessoas que estiveram envolvidas no processo.

Atos 15 relata um capítulo da vida de Paulo e Barnabé, que retornavam de uma extensa viagem missionária depois de levar o evangelho aos gentios. Seu êxito nessa empreitada descontentou alguns judeus cristãos que insistiam em que ninguém poderia ser salvo a menos que primeiramente fosse circuncidado. Todas as conversões reivindicadas por Paulo e Barnabé estavam sendo ignoradas. E uma significativa dissensão foi criada na congregação de Antioquia.

Esse conflito teológico e social definitivamente tinha o potencial para dividir a jovem igreja cristã. Entretanto, um sábio mediador tomou controle da situação e enviou Paulo, Barnabé e algumas pessoas a Jerusalém a fim de consultarem os apóstolos e os presbíteros.

Os apóstolos ouviram os dois grupos na exposição de seus respectivos argumentos. Então Pedro levantou-se para falar em apoio à inclusão dos gentios. Tiago propôs que uma carta fosse escrita pelos apóstolos e presbíteros a qual continha, em essência, o oferecimento da mão da comunhão aos gentios, sob algumas condições:

“que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue” (Atos 15:20).

Essa ação substanciou um compromisso sensato que produziu uma solução para o conflito, na qual todos foram vencedores. Os apóstolos e presbíteros em Jerusalém, que eram os líderes reconhecidos da igreja, escolheram operar de maneira aberta. As emoções do conflito foram abatidas. A mentalidade sombria de conflito destrutivo foi evitada, sendo gerada a confiança. O resultado foi a solução do problema.

O que conduziu esse conflito a uma conclusão saudável e unificada não foi simplesmente uma recomendação pelos apóstolos que agradou aos contendores. Embora não possamos minimizar a parte importante desempenhada pelos apóstolos em Jerusalém, ou a prudência da recomendação feita pelo grupo, o crédito também se deve à magnanimidade da igreja que, junto com Paulo e Barnabé, deu passos importantes para que se chegasse a uma solução pacífica.

Solução passo a passo

Primeiramente, eles fizeram um genuíno esforço a fim de buscar esclarecimento para a sua compreensão teológica do assunto que causou o conflito. Dando esse passo, os crentes enfrentaram o problema e limitaram seu potencial de crescimento.

McSwain e Treadwell nomeiam tal ação de “análise solucionadora de problema”, que é uma fase na qual “o grupo é movido a tomar uma decisão”. Nesse estágio, podemos considerar todos os fatos reunidos, sentimentos e opiniões sobre o conflito. Então analisamos as opções para resolver o problema. Ao tomar essa atitude, a igreja em Jerusalém evitou com êxito transformar um conflito substantivo em um conflito interpessoal. Seu propósito e missão tiveram precedência sobre sentimentos pessoais quanto a quem estava certo ou errado.

Em segundo lugar, a igreja local, Paulo e Barnabé respeitaram a mais alta autoridade eclesiástica. Sem respeito pela mais elevada autoridade, especialmente em situações de conflito, é difícil aceitar qualquer recomendação vinda dessa autoridade, muito menos buscar sua ajuda para conduzir o conflito a uma conclusão saudável.

O modelo de Atos 6

Outro modelo bíblico de solução de conflito é relatado em Atos 6. Os cristãos gregos se queixaram de que suas viúvas estavam sendo negligenciadas pelo trabalho de assistência social. Argumentaram que as viúvas judaicas estavam sendo favorecidas.

Novamente, Pedro desempenhou um grande papel na arbitragem do conflito. Ele expôs a idéia divinamente inspirada de apontar membros leigos para cuidar do sistema de assistência aos pobres, o que deixaria os apóstolos livres para dedicar atenção completa ao trabalho pastoral. Essa proposta “agradou a toda a comunidade” (Atos 6:5). Esse foi um princípio de conflito sombreado por forte colorido étnico. E foi bem resolvido, porque Pedro e os apóstolos não se posicionaram na defensiva. Eles ouviram os queixosos e apresentaram uma decisão aceitável. Como resultado, a igreja foi fortalecida e ficou mais focalizada na missão.

Lamentavelmente nem todos os conflitos relatados nas Escrituras terminam com um resultado que conserva unidas as partes envolvidas. Por exemplo, em Atos 15:36-41, Paulo e Barnabé discutiram acirradamente sobre se deveriam incluir ou não João Marcos em sua segunda viagem missionária. Marcos desertara deles durante a primeira viagem. Paulo, diante disso, considerava-o incapaz para o trabalho. Barnabé via a questão de modo diferente. Nenhum dos dois, porém, arreitava o pé da posição assumida. O resultado foi uma solução diferente. Paulo escolheu Silas como seu parceiro, e Barnabé continuou com João Marcos.

Embora os dois apóstolos acabassem seguindo caminhos diferentes, a solução encontrada provou-se benéfica para a igreja. Paulo e Barnabé promoveram a expansão do evangelho, e eventualmente a fenda entre eles foi curada. Isso significa que alguns conflitos podem terminar com cada parte seguindo caminhos separados, o que não é necessariamente algo mau ou falta de espiritualidade. Ao contrário, pode ser uma bênção para a igreja, na expansão do evangelho, e pode promover o bem-estar das pessoas envolvidas.

Apesar disso, devemos sempre ter em mente que a separação em uma igreja, no processo de um conflito, tem o potencial de ser devastador para a comunidade e as partes envolvidas. Por isso, tal divergência deve ser cuidadosa-



Imagens: William de Moraes

mente considerada. Devemos analisar se a separação contribuirá para o êxito no trabalho do Senhor, bem como para uma convivência saudável. Se o conflito cresce ao nível no qual os indivíduos se tornam amargurados, seriamente ofendidos, ou até nocivos, eles se sentirão pessoalmente humilhados.

Essa experiência emocional negativa pode marcar a mente das pessoas afetadas levando-as a nutrir um espírito de hostilidade e vingança. Quando isso ocorre, cria-se um ambiente no qual as pessoas podem perder o respeito pela autoridade organizacional e enfraquecer a fé nas forças espirituais que conservam a igreja unida. Quando a dinâmica do conflito move-se nessa direção, os líderes devem saber como mapear o curso da resolução do conflito, de modo que sejam mantidos a unidade e o respeito pelas opiniões diferentes.

Dinâmica além do conflito

Para evitar o perigo do crescimento de um conflito, Paulo nos adverte: “Longe de vós, toda amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmias, e bem assim toda malícia. Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Efés. 4:30 e 31). Se os líderes e membros de uma igreja sustentarem esse conselho espiritual, a comunidade estará livre de conflitos.

Paulo também adotou um forte papel de exortação, quando enfaticamente advertiu à congregação de Corinto a buscar unidade e evitar dissensões: “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (I Cor. 1:10).

Embora compreendamos que o conflito é uma ocasião para conversa franca, essa franqueza não deve ser ofensiva nem punitiva. No momento em que começamos a nos agredir mutuamente, passamos do plano da franqueza para a ofensa. Respeitar os oponentes é evitar agredi-los verbal ou fisicamente. É vital que cada lado tenha em mente o conselho de Paulo e mantenha o respeito mútuo, a fim de que haja solução saudável para o conflito. Às vezes é muito difícil conseguir esse ideal; mas, como cristãos, nosso alvo deve ser manter a vida espiritual da igreja unida durante toda situação de conflito.

Considere uma vez mais Paulo e Barnabé como exemplos para a resolução saudável de conflitos. Embora eles se separassem e seguissem caminhos diferentes, não perderam de vista o seu propósito, nem sua missão nem seu amor pelo corpo de Cristo. Em lugar de permitir que as diferenças pessoais os impedissem de trabalhar, eles continuaram avançando fervorosamente, acumulando êxito no trabalho de Deus.

A mensagem clara nesse episódio é que quando a resolução do conflito leva à separação e ao surgimento de um novo grupo de crentes, esse novo grupo não deve manifestar independência nem hostilidade em relação à igreja como um todo. A causa de Deus não deve sofrer por causa do conflito. Pelo contrário, deve expandir-se e crescer, porque nós partilhamos uma causa comum que vai além dos nossos interesses pessoais.

Uma resolução de conflito que distancia indivíduos do corpo de Cristo, alimentando neles um espírito hostil, difere do que Deus espera de nós em qualquer conflito. O exemplo de Paulo e Barnabé reconciliando-se é um modelo que todos nós devemos adotar. As feridas entre eles foram curadas, de modo que puderam manter um relacionamento saudável através do tempo restante do seu ministério. A estima de Paulo em relação a Marcos também mudou, quando este, posteriormente, demonstrou sua utilidade para o trabalho (II Tim. 4:11). E a igreja prosperou.

O conflito não tem de terminar em hostilidade, com uma confrontação “dedo em riste”. O contexto cristão não permite vingança, desrespeito, nem assassinato de caráter. O conselho de Paulo é pertinente: “Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós; acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Col. 2:12-14).

Teremos uma grande ajuda na solução de conflito, se nos lembrarmos sempre dos seguintes pontos:


1. A discordância pode levar indi-

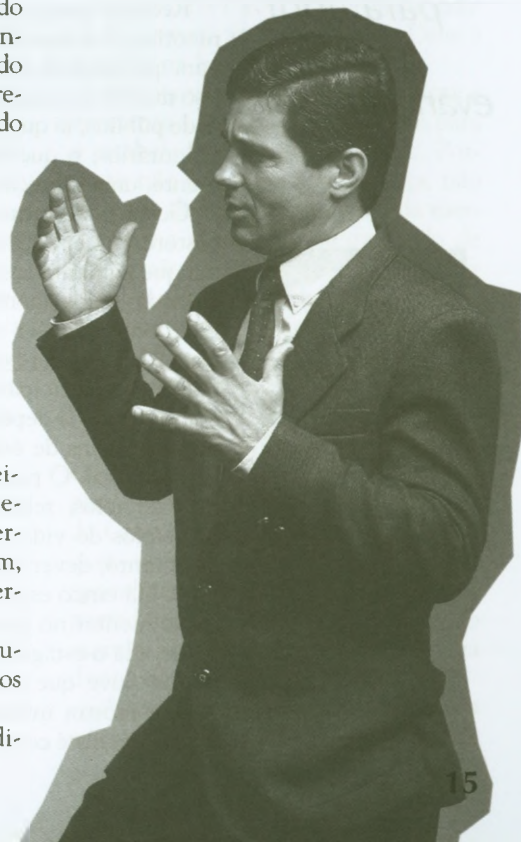
víduos e organizações a mudarem paradigmas, o que finalmente pode gerar crescimento genuíno.

A discordância pode revelar necessidade de mudanças. Líderes amadurecidos sempre lhe darão boas-vindas.

2. A discordância pode revelar uma necessidade de mudança. Líderes amadurecidos darão boas-vindas à discordância, porque ela os força a avaliar suas próprias crenças a fazer mudanças positivas onde elas são necessárias (Prov. 18:15).

3. A discordância pode ajudar as pessoas a se tornarem mais tolerantes a pontos de vistas opostos aos seus. Aprender a aceitar diferentes pontos de vista sem desenvolver reações hostis é um sinal importante do líder amadurecido (Prov. 21:23).

O pastor efetivo aprende a verdade contida em um ditado popular segundo o qual às vezes é bom “concordar para discordar”. Fazendo assim, um pastor também aprende a evitar o desenvolvimento de uma atitude crítica mesmo quando outros são críticos e exibem hostilidade a seu respeito. 



Trabalhando com fumantes

Como envolver a igreja em uma atividade normalmente usada para abrir portas à evangelização



Linda Royer
Reside em New Market,
Virginia, Estados Unidos

Há muito tempo, os adventistas têm conduzido programas para deixar de fumar, em igrejas e salões da comunidade, liderados por médicos ou pastores. Mas por que estamos preocupados com os fumantes? Fazemos isso porque nada existe mais efetivo que o fator divino-humano para facilitar a mudança de estilo de vida. Devemos continuar disponibilizando esse tipo de educação e apoio a indivíduos que desejam deixar de fumar. Necessitamos persuadi-los a eliminar o tabagismo e a droga da nicotina de sua vida, a fim de que sejam habilitados a vencer outros maus hábitos de saúde. Necessitamos guiá-los à verdadeira Fonte de poder, de modo que eles compreendam o valor do corpo e avaliem a vida em termos de eternidade.

Recente pesquisa confirmou que adictos da nicotina precisam de um apoio a longo prazo, para que tenham êxito. E as igrejas podem fazer isso melhor do que qualquer campanha de utilidade pública, já que elas contam com a ajuda de voluntários, o que não representa, necessariamente, uma sobrecarga de tempo e esforços.

Gostaria de propor aqui um método que os pastores podem utilizar. Trata-se de um programa que aumenta a efetividade da ajuda proporcionada pelos membros. Está disponível em CD, ou pode ser adquirido através do site www.resources-for-better-living.com. Nesse programa, os participantes aprendem em 14 dias como vencer a dependência do cigarro, ouvindo mensagens de orientação, sob uma abordagem integral. O paciente é instruído na prática de exercícios, relaxamento, nutrição, dieta e princípios de vida espiritual. Alguns aspectos, entretanto, devem ser considerados:

1. Há cinco estágios que um indivíduo pode experimentar no processo de mudar hábitos de saúde. Há o estágio *pré-contemplativo*, no qual a pessoa ouve que precisa fazer mudanças, mas não se mostra interessada. No estágio de *contemplação*, ela é convencida de que a mudança é

necessária, mas não está pronta para assumir um compromisso. Segue-se a fase de *preparação*, na qual a pessoa experimenta pequenas mudanças e considera a possibilidade de avançar. No período de *ação*, ela se sente pronta para abandonar o vício e caminha nessa direção. Finalmente, na fase de *manutenção*, alcança estabilidade na decisão feita, mas talvez ainda precise de apoio e encorajamento periódicos.

Você deve determinar o que deseja fazer para os componentes de cada um desses estágios. Para os *pré-contemplativos*, por exemplo, pode dar informações sobre os benefícios do estilo de vida saudável, enquanto anuncia seu programa de deixar de fumar através de panfletos, cartazes, coluna em jornal, e outros meios de comunicação.

Os que estão nas fases de *contemplação* e *preparação* podem ser alcançados através de reuniões regulares, nas quais você explica as estratégias do projeto e os benefícios que podem ser adquiridos. Informe os objetivos da intervenção e o que espera dos participantes. Realize encontros sociais com esse grupo, num contexto de promoção do estilo de vida saudável, enfatizando seus benefícios e apresentando os recursos para deixar de fumar.

2. Escolha, dentre a equipe de Saúde e Temperança de sua igreja, uma subcomissão de pelo menos três pessoas para tratar dos assuntos referentes ao tabagismo. Oriente essa equipe, defina com ela a frequência dos eventos, recrute mais pessoas para ajudar, distribua deveres e responsabilidades.

3. Utilize o treinamento descrito no site já mencionado. Isso é especial no preparo da equipe, de modo que ela conheça bem o tabagismo, a natureza do vício, suas conseqüências para a saúde e caminhos estratégicos para vencê-lo.

4. Adquira pelo menos um *kit* do programa, comprando-o via internet ou gravando-o diretamente do site. Os assistentes devem ter suas cópias, adquirindo-as eles mesmos, caso tenham acesso à internet, ou recebendo de você a um preço módico ou gratuitamente, se a igreja tiver feito a devida provisão orçamentária. Ao utilizar esse programa, você não precisa especializar-se em dar aulas sobre como deixar de fumar. Tudo o que precisa é acompanhar e orientar os participantes em suas atividades.

5. Treine uma equipe de coordenadores para conduzir as sessões regulares de apoio. Elas serão necessárias durante um período de um ano, pelo menos. Devem ser frequentes, nas primeiras duas semanas, mas podem se tornar mais esporádicas no restante do ano. Conserve-se em acordo com os participantes e seja flexível às suas condições para reunir-se. Planeje eventos sociais e convide-os para outros programas relacionados à saúde, oferecidos pela igreja. Torne-os parte de sua comunidade espiritual. Seja organizado e consistente. **M**



Gerhard Pfandl

Ph.D., diretor
associado do Instituto
de Pesquisa Bíblica
da Associação Geral
da IASD

Especial

Desde o início, no trato de Deus com a humanidade caída, a Bíblia apresenta um modelo de julgamento que inclui uma fase investigativa seguindo-se o anúncio da sentença

Juízo pré-advento uma realidade bíblica

Dentre as doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a do juízo pré-advento, iniciado no Céu em 1844, é a mais questionada. Um erudito não adventista, Walter R. Martin, em seu livro *The Kingdom of the Cults* [O Reino das Seitas], escreve: “Os adventistas, na opinião de eruditos bíblicos conservadores, para não mencionar o grupo liberal do protestantismo, são apenas especuladores com suas doutrinas do santuário e juízo investigativo. Realmente, a maioria concorda que eles criaram doutrinas para compensar erros de interpretação profética.”¹

Nos arraiais da denominação, Desmond Ford, nos anos 70, contestou a mencionada doutrina. Em 1980, ele apresentou um documento de 991 páginas a mais de 100 teólogos e líderes da Igreja reunidos em Glacier View. Suas conclusões foram as seguintes: O juízo de Daniel 7 não é um juízo pré-advento; a profecia apocalíptica é condicional; uma profecia pode ter múltiplos cumprimentos, segundo o princípio apotelesmático; e o antitípico dia da expiação começou em 31 a. D., e não em 1844.²

Em Glacier View, a visão de Ford foi rejeitada. Entretanto, as questões por ele levantadas mereceram, em 1981, uma resposta da Comissão Executiva da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, que solicitou ao seu Instituto de Pesquisa Bíblica a formação de um grupo para reestudar os livros de Daniel e Apocalipse.

Durante onze anos, essa Comissão de Daniel e Apocalipse produziu sete volumes que abordam muitos dos assuntos discutidos durante as reuniões de Glacier View. Em seu relatório final, a comissão estabeleceu que “longe de ser uma peça de museu da teologia dos pioneiros, o ensinamento bíblico do juízo pré-advento, fase investigativa do julgamento final, é de vital importância para o cristão hoje. É uma porção concludente de todo o processo de salvação e um componente das três mensagens angélicas”.³

Profecia e historicismo

É geralmente aceito que existe uma diferença entre a profecia clássica, na qual o profeta era um porta-voz de Deus a Seu povo nos dias do Antigo e do Novo Testamento, e a profecia

apocalíptica com seu foco sobre o fim do mundo e a vinda do reino de Deus. O cumprimento das promessas na profecia clássica dependia da resposta do povo (Jer. 18:7-10). “Os profetas clássicos ligavam as atividades de Deus a eventos na história humana.”⁴

Por sua vez, a profecia apocalíptica apresenta a hora cósmica de Deus para o estabelecimento do Seu reino. Portanto não é condicional; ou seja, não depende da resposta humana, da mesma forma como a primeira vinda de Cristo não dependeu da obediência de Israel ou Judá. Na “plenitude do tempo [apontado em Dan. 9:24-27], Deus enviou Seu Filho” (Gál. 4:4), embora os judeus não estivessem preparados para recebê-Lo.

Igualmente, as profecias de tempo em Daniel e Apocalipse que apontam para o tempo do fim e a segunda vinda de Cristo são independentes de qualquer resposta humana. Na profecia apocalíptica, nós nos tornamos “espectadores dos eventos no palco do mundo; estamos vendo a presciência divina descortinando o futuro”.⁵

As profecias apocalípticas explicam o que Deus tem previsto e o que, de

acordo com Sua determinação, deve acontecer. As 2.300 tardes e manhãs e os três anos e meio de Daniel 7 e 8, portanto, não são condicionais. Não podem ser aplicados a diferentes épocas, conforme o gosto do intérprete. No transcurso da História, eles só podem ter um cumprimento, tal como a profecia das setenta semanas de Daniel 9 teve apenas um cumprimento.

Durante a maior parte da história da Igreja, essas profecias apocalípticas de tempo foram interpretadas de acordo com o método historicista de interpretação. Somente nos últimos 200 anos foi que apareceram outros site-

A maior parte dos capítulos 18 e 19 de Gênesis descreve atos investigativos de Deus antes de Sua ação punitiva.

mas alternativos, como o preterismo e o futurismo. E, como todo estudante de profecia sabe, a espinha dorsal do historicismo é o princípio dia-ano.

O princípio dia-ano

Ironicamente, um dos melhores resumos sobre o princípio dia-ano, baseado nas obras de Thomas R. Birks⁶ e H. G. Guinness,⁷ é encontrado no primeiro comentário de Ford sobre Daniel.⁸ Na verdade, Ford o rejeitou, 18 anos depois, argumentando que a questão não pode ser justificada biblicamente.⁹ Mas os adventistas crêem que o princípio dia-ano é um princípio fundamentado na Bíblia. Os principais pontos em seu apoio podem ser resumidos conforme segue:¹⁰

1. Desde que as visões de Daniel 7 e 8 são simbólicas, com muitas e diferentes bestas representando importantes impérios universais (7:3-7; 8:3-5, 20 e 21), os períodos de tempo (7:25; 8:14) também devem ser simbólicos.

2. O fato de que as visões tratam com o surgimento e queda de conhecidos impérios da História, que existiram por centenas de anos, indica que os períodos de tempo profético também devem cobrir longos períodos.

3. A maneira peculiar, e até metafórica, pela qual os períodos de tempo são expressos indica que não devem ser tomados literalmente. Se “um

tempo, dois tempos e metade dum tempo” em Daniel 7: 25 representam três anos e meio literais, por que Deus não disse “três anos e seis meses”? Em Lucas 4:25 e Tiago 5:17, que fazem referência a três anos e meio, cada frase é “três anos e seis meses”. Da mesma forma, Paulo permaneceu em Corinto “um ano e seis meses” (Atos 18:11), e Davi reinou em Hebrom “sete anos e seis meses” (II Sam. 2:11).

4. Em Daniel 7, os quatro animais que juntos formam um reino de pelo menos mil anos são seguidos pelo poder representado no chifre pequeno. O reino do quarto animal é o foco da visão, já que ele está em oposição mais direta a Deus. Três anos e meio de luta entre o chifre pequeno e o Altíssimo poderiam ser desproporcionais à compreensão do escopo da história da salvação, pintada nessa visão. O mesmo se aplica a Apocalipse 12:6 e 14, onde os 1.260 dias ou três anos e meio cobrem boa parte da História entre o primeiro e o segundo advento.

5. De acordo com o contexto, as expressões “um tempo, dois tempos e metade dum tempo” (Dan. 7:25; 12:7; Apoc. 12:14), “quarenta e dois meses” (Apoc. 11:2; 13:5) e “mil duzentos e sessenta dias” (Apoc. 11:3; 12:6) são aplicadas ao mesmo período de tempo. Mas a expressão natural “três anos e seis meses” não é usada uma vez sequer.

“O Espírito Santo parece, de certa forma, exaurir todas as frases pelas quais este período pode ser mencionado. Mas exclui sempre aquela forma que poderia ser usada em escritos ordinários, e é usada nas Escrituras em outras ocasiões, para denotar um período literal. Essa variação é muito significativa, se nós aceitamos o princípio dia-ano, mas, por outro lado, inexplicável.”¹¹

6. As profecias de Daniel 7, 8, 10 e 12 levam ao “tempo do fim” (8:17; 11:35 e 40; 12:4 e 9), que é seguido pela ressurreição (12:2) e o estabelecimento do eterno reino de Deus (7:27).

“No transcurso da História descrito nessas profecias, do sexto século antes de Cristo até nossos dias e além, períodos de tempo literais de apenas 32 a 62 anos não são capazes de alcançar qualquer época próxima ao tempo do fim.

Portanto, esses períodos proféticos de tempo deveriam ser vistos como simbólicos aplicáveis a grandes períodos históricos reais de tempo, extensivos ao tempo do fim.”¹²

7. A única medida de tempo que não é usada nas profecias de Daniel e Apocalipse é ano. São feitas referências a dias, semanas e meses, mas não à unidade de tempo chamada “ano”. A explicação mais óbvia é que “ano” é a unidade empregada para cumprir o simbolismo dessas profecias.

8. Há numerosos textos nas narrativas históricas do Antigo Testamento nos quais “dias” significam “anos” (Êxo. 13:10; I Sam. 2:19; 20:2; Juízes 11:40, por exemplo). Igualmente nas porções poéticas do Antigo Testamento, a expressão dias, às vezes, aparece como um paralelo à palavra ano (Jó 10:5; 32:7; 36:11; Sal. 77:5; 90:9 e 10, etc.).

9. Em Números 14:34 Deus usa o princípio dia-ano como uma figura de ensino. Numa parábola referente ao cerco de Jerusalém, ao profeta Ezequiel foi ordenado deitar-se 390 dias sobre seu lado esquerdo e quarenta dias sobre o lado direito. E lhe foi explicado: “Quarenta dias te dei, cada dia por um ano...” (Ezeq. 4:4-7).

10. Em Daniel 9:24-27, o tempo profético das 70 semanas teve seu cumprimento na ocasião exata, se usarmos o princípio dia-ano para interpretá-la. E há muitos intérpretes que em outros textos apocalípticos não usam o princípio dia-ano, mas reconhecem que as 70 semanas são, de fato, “semanas de anos”, abrangendo desde o período persa até o tempo de Cristo. Desse modo o teste pragmático em Daniel 9 confirma a validade do princípio dia-ano.

Referências ao mesmo princípio podem ser encontradas nos tempos intertestamentais, em Qumran, bem como em outros escritos judaicos daquele período.¹³ Assim, o método historicista de interpretação não é um recurso tardio no cenário teológico, mas repousa sobre uma sólida base bíblica e histórica. Não é um método ultrapassado, mas um princípio bíblico de interpretação das profecias apocalípticas, válido ainda hoje. Quando é aplicado na interpretação das profecias de Daniel 7 e 8, o juízo pré-advento iniciado em 1844 emerge do próprio texto.

Os adventistas do sétimo dia crêem que o evento descrito em Daniel 7 é um juízo investigativo pré-advento.

Tem esse conceito alguma base escriturística, ou não passa de uma ficção adventista antibíblica?

O testemunho bíblico

Desde o princípio, no trato de Deus com a humanidade caída em Gênesis 3, podemos observar um modelo de procedimento judicial. Primeiramente, em sua fase investigativa: “Onde estás?” “Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore?” “Que é isso que fizeste?” (Gên. 3:9-13). Na seqüência dessa investigação, Deus anuncia o veredicto nos versos 14-19. Semelhante abordagem também é vista no trato de Deus com Caim (Gên. 4:9-12) e no incidente envolvendo as cidades de Sodoma e Gomorra. É significativo que o Novo Testamento projeta o juízo sobre Sodoma e Gomorra como um “exemplo” ou tipo do juízo final de Deus (II Ped. 2:9; Judas 7). A maior parte dos capítulos 18 e 19 de Gênesis descreve atos investigativos e deliberativos de Deus antes de uma ação punitiva de Sua parte.

Nos escritos proféticos, Israel ou outras nações aparecem às vezes diante do tribunal divino. Realiza-se uma investigação, os fatos são estabelecidos, testemunhas arroladas e, finalmente, uma sentença é pronunciada (Isa. 5:1-7; 43:8-13, 22-28). A seqüência é sempre a mesma: pecado, investigação e julgamento.¹⁴

O conceito de um juízo investigativo pré-advento também aparece no Novo Testamento. A parábola das bodas, em Mateus 22, é um exemplo. “Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial” (v. 11). Essa inspeção por parte do rei representa um processo de investigação, cujo resultado determinou quem dentre os convidados deveria permanecer ou não na festa. É um quadro do juízo pré-advento que está ocorrendo no Céu.

Outros textos do Novo Testamento que pressupõem um juízo pré-advento são João 5:28 e 29, onde são mencionadas a ressurreição para a vida e a ressurreição para a condenação, e Apocalipse 20:4-6. A maioria dos exegetas concorda que Apocalipse 20 ensina duas ressurreições literais separadas por mil anos. Visto que somente o “bem-aventurado e santo” tomará parte na primeira ressurreição, um julgamento prévio deve ser feito, a fim de determinar quem comporá esse grupo.

O teólogo luterano Joseph A. Seiss reconheceu isso e escreveu: “A ressurreição e as mudanças que acontecem num abrir e fechar de olhos sobre os vivos são os frutos e a corporificação do juízo antecedente. São as conseqüências do juízo já realizado em relação a eles. Estritamente falando, os homens não são ressuscitados nem trasladados para que venha o juízo. A ressurreição e a trasladação são produtos do juízo previamente efetuado. Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro porque eles já foram julgados aptos para estar com Cristo, e os santos vivos serão reunidos com eles nas nuvens, porque já foram julgados santos e vencedores sobre o mundo.”¹⁵

Em Apocalipse 14, a colheita da Terra é precedida pela mensagem do primeiro anjo: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Se juízo” (v. 7). A seqüência de eventos descritos nesse capítulo indica claramente que o juízo mencionado no verso 7 precede a execução do juízo na segunda vinda de Cristo, conforme descrito nos versos 14-20.¹⁶

Assim, a Escritura apresenta o conceito de um juízo investigativo antes do segundo advento.

O julgamento em Daniel 7

Daniel 7 consiste essencialmente de uma visão, sua interpretação e a reação do profeta a essa visão. O capítulo é formado por um prólogo (vs. 1 e 2) e um epílogo (v. 28).

A visão descreve quatro animais, com o foco sobre o quarto animal que possui dez chifres dos quais surge um outro chifre pequeno. Esse chifre pequeno torna-se a principal oposição ao Altíssimo e aos santos, no restante do capítulo.

Enquanto as atividades do chifre pequeno têm continuidade na Terra, a atenção de Daniel é dirigida à cena do julgamento celestial (vs. 9-14) na qual o chifre pequeno é condenado, os santos são vindicados e recebem de “um como o Filho do homem” o domínio, a glória e o reino.¹⁷ A passagem do juízo em Daniel 7:9-14 contém três cenas: um julgamento no Céu (vs. 9 e 10); o fim do quarto animal, isto é, o resultado do julgamento (vs. 11 e 12); e a recepção do reino pelo Filho do homem (vs. 13 e 14).

É importante lembrar que esse julgamento está em andamento enquanto o chifre pequeno age na Terra. No fim do verso 8, Daniel ouviu palavras insolentes desse chifre. Então sua atenção é direcionada à cena do julgamento celestial (vs. 9 e 10). Mas após descrever a cena do juízo, Daniel tem sua atenção novamente captada pelas “insolentes palavras” do chifre pequeno. Tendo tratado com o chifre pequeno e os animais, cujo domínio foi lançado fora embora sua vida tenha sido prolongada aqui na Terra (vs. 11 e 12), a visão retorna ao reino celestial e à vitória final do plano de Deus (vs. 13 e 14).

O tempo do julgamento

Três passagens em Daniel 7 se referem especificamente ao juízo. Elas são encontradas nos versos 9, 14, 21, 22 e 26. Em virtude de que as ações do chifre pequeno cruzam-se e, pelo menos por algum tempo, coincidem com o julgamento celestial, esse julgamento não pode ser o juízo final de Apocalipse 20. Ao contrário, deve ser um juízo preliminar em andamento no Céu, antes do segundo advento, como os adventistas do sétimo dia sempre creram. Aliás, isso tem sido reconhecido também por muitos eruditos não

A parábola das bodas em Mateus 22 exemplifica o juízo pré-advento.

adventistas. O autor católico romano, F. Dusterwald, por exemplo, escreveu:

“Inquestionavelmente, o profeta Daniel descreve aqui o juízo de Deus concernente a poderes hostis. Esse julgamento termina com a condenação total dos impérios mundiais e o triunfo da causa de Deus. Entretanto, o que é descrito aqui não é, como muitos antigos intérpretes imaginam, o julgamento do mundo, não é o juízo de Deus sobre a Terra, mas a informação de que o lugar do juízo é o Céu. O contexto indica, este é um julgamento preliminar, o qual é depois confirmado no julgamento geral do mundo.”¹⁸

O erudito protestante T. Robinson viu esse juízo sendo estabelecido durante o século 19, quando ele escreveu seu comentário sobre Daniel. Diz ele:

“Como já foi observado, esse não é o julgamento geral na finalização do reino de Cristo sobre a Terra, ou, como a frase é comumente entendida, o fim do mundo. Parece ser um julgamento invisível, conduzido sob um véu e revelado por seus efeitos e pela execução de sua sentença. Ocasionalmente pelas palavras insolentes do chifre pequeno e seguido pela tomada do seu domínio, parece já ter começado. Entretanto, como a sentença ainda não foi de qualquer modo completamente executada, pode estar em andamento agora.”¹⁹

Quem está sendo julgado

Na cena desse juízo os livros são abertos e analisados (Dan. 7:10). No Antigo Testamento há referências ao “livro dos vivos” (Sal. 69:28), a um “memorial escrito” (Mal. 3:16) e aos livros de Deus (Êxo. 32:32; Sal. 56:8). O mesmo pensamento ocorre na literatura judaica posterior (I Enoque 47:3) e no Novo Testamento (Filip. 4:3; Apoc. 3:5; 20:12; 21:27). Mas a grande questão é: Quem está sendo julgado com base nos relatos desses livros? Do contexto, concluímos que esse julgamento inclui:

1. *O povo de Deus.* Considerando que o juízo “fez justiça aos santos do Altíssimo” (Dan. 7:22), de alguma forma o povo de Deus deve ser objeto desse juízo. Tal fato não é reconhecido fora dos círculos adventistas do sétimo dia. Sendo que muitos cristãos não adventistas aceitam a imortalidade da alma, eles acreditam que o estado futuro de um indivíduo é decidido no momento em que ele morre. Um juízo pré-advento, portanto, no qual é tomada uma decisão final quanto à salvação de uma pessoa, não faz sentido para esses cristãos. Eles entendem que o morto já está no Céu ou no inferno. No caso da compreensão católica romana, também há o purgatório.

2. *O chifre pequeno.* O contexto da cena do juízo faz repetidas referências ao chifre pequeno (vs. 8 e 11). Portanto, o julgamento também deve envolvê-lo. “A evidência contextual interna sugere que os santos e o chifre pequeno igualmente partilham do veredicto do juízo pré-advento.”²⁰ Os santos, no sentido de que eles recebem o reino (v. 27). Já o chifre pequeno tem retirado de si o domínio. Desse modo, a vindicação dos santos (v. 22) implica a condenação do chifre pequeno.

Propósito do julgamento

O objetivo primário do juízo pré-advento é a confirmação final da salvação e vindicação do povo de Deus (v. 22). “Por diversas vezes alguns desses santos foram julgados culpados de vários crimes, pelos tribunais terrestres, quando eles realmente estavam fielmente servindo a Deus e aos homens. No juízo pré-advento, tal injustiça será revertida pelo tribunal celeste. Dessa maneira Deus vindicará Seus santos.”²¹

Além da vindicação dos santos e da condenação do chifre pequeno, esse juízo também vindica a justiça de Deus em Seu trato com a humanidade. Quando os seres não caídos do Universo examinam os relatórios referentes aos santos, durante esse juízo, concluem que Deus é justo e misericordioso em cada caso. Assim, o caráter de Deus, que tem sido o centro do grande conflito entre Cristo e Satanás será vindicado.

Concluímos assim que Daniel 7 descreve a realização de um juízo antes do segundo advento. Esse julgamento abrange o povo de Deus e o chifre pequeno. Enquanto o poder tirano sofre extinção, o povo de Deus experimenta Sua justiça salvadora e recebe vida eterna.

Além disso, durante o processo desse julgamento, o próprio Deus é vindicado diante do Universo. No segundo advento de Cristo, quando for conferido o galardão, aqueles que mantiverem um relacionamento vivo com o Salvador, e cujos nomes permanecerem ins-

critos no livro da vida, tornam-se participantes do reino eterno. **M**

Referências:

¹ Walter R. Martin, *Kingdom of the Cults* (Grand Rapids: Zondervan, 1965), pág. 407.

² Desmond Ford, *Daniel 8:14: The Day of Atonement and the Investigative Judgment* (Casselberry, FL: Euan-gelion Press, 1980).

³ W. R. Leshner e Frank B. Holbrook, “Relatório Final da Comissão de Daniel e Apocalipse”, in *Symposium on Revelation*, editado por Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Instituto de Pesquisa Bíblica, 1992), vol. 7, pág. 455.

⁴ Dewey M. Beegle, *Prophecy and Predictions* (Ann Arbor: Pryor Pettengill, 1978), pág. 90.

⁵ William G. Johnson, *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy* (Washington, DC: Instituto de Pesquisa Bíblica, 1986), vol. 3, pág. 278.

⁶ Thomas R. Birks, *First Elements of Sacred Prophecy* (Londres: William E. Painter, 1843).

⁷ H. G. Guinness, *The Approaching End of the Age, Viewed in the Light of History, Prophecy and Science* (Londres: Hodder & Stoughton, 1882).

⁸ Desmond Ford, *Daniel* (Nashville, Tenn: Southern Publishing Association, 1978), págs. 300-305.

⁹ Desmond Ford, *Daniel and the Coming King* (Newcastle, CA: Desmond Ford Publications, 1996), pág. 298.

¹⁰ Ver Ford, *Daniel*, págs. 300-305, e William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation* (Silver Spring, MD: Instituto de Pesquisa Bíblica, 1992), vol. 1, págs. 67-104.

¹¹ Thomas R. Birks, *Op. Cit.*, pág. 352.

¹² William H. Shea, *Op. Cit.*, pág. 73.

¹³ *Ibidem*, págs. 106-110.

¹⁴ *Ibidem*, págs. 1-29.

¹⁵ J. A. Seiss, *The Apocalypse* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1973), pág. 136.

¹⁶ Samuel Bacchiocchi, *Adventist Affirm* (Outono, 1994), págs. 37-44.

¹⁷ Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel Seven*, tese doutoral (Berrien Spring, MI: Andrews University, 1979).

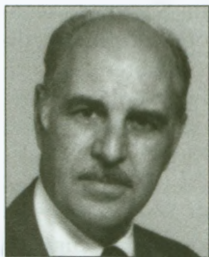
¹⁸ F. Dusterwald, *Die Weltsche um das Gottesreich* (Freiburg: Herder'sche Verlagsbuch-handlung, 1890), pág. 177.

¹⁹ T. Robinson, *Daniel*, comentário homilético, vol. 19 (New York: Funk and Wagnalls, 1892), pág. 139.

²⁰ Norman Gulley, *Christ is Coming!* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1998), pág. 413.

²¹ William H. Shea, *70 Weeks, Leviticus, Nature of Prophecy* (Washington D.C.: Instituto de Pesquisa Bíblica, 1986), pág. 328.





Elbio Pereyra

Pastor jubilado, reside em Bella Vista, Corrientes, Argentina

Reflexão

*Jesus
é superior
a todos os
profetas,
anjos e
sacerdotes.
É Deus conosco*

A suprema revelação divina

Os primeiros três versículos da epístola escrita aos hebreus constituem uma parte magnífica da introdução de um livro centralizado em Cristo. As sete afirmações do terceiro versículo serão mencionadas rapidamente neste artigo. Os comentários estarão centralizados no conteúdo do primeiro verso e na metade do segundo, cuja mensagem básica é: Deus tem falado através dos tempos; não guarda silêncio. Além de Se revelar nas Escrituras Sagradas, revela o que o homem não pode chegar a conhecer por si mesmo.

Existem duas idéias mais no texto, que são a maneira antiga e a nova maneira da revelação. “Muitas vezes” é a tradução mais comum para o termo grego *polimerós* utilizado pelo escritor, que acreditamos ser Paulo. Esse termo apresenta a revelação como sendo fragmentária, dada em partes.

A expressão “falou Deus”, ou similares, é utilizada 179 vezes por Moisés no Pentateuco. Por sua vez, Jeremias fez uso de outra expressão: “Assim diz o Senhor”, que aparece 419 vezes em seu livro. Além de “muitas vezes”, o Senhor também falou “de muitas ma-

neiras”. Fala quando acha conveniente; expressa o que deseja comunicar, faz isso através dos Seus escolhidos e do modo como Lhe apraz.

Deus não utiliza apenas uma forma de comunicação, fixa, estereotipada. Algumas vezes apareceu pessoalmente a alguém. Noutras ocasiões, comunicou mensagens através de anjos, de sonhos e visões. Também deu a conhecer Sua vontade por intermédio de Urim e Tumim. Utilizou métodos objetivos, como no caso de Jeremias, e até por meio de músicos e cantores, como ocorreu com os filhos de Asafe, Hemã e Jedutum (I Crôn. 25:1-7). Porém o modo mais comum de revelação acontecia através dos profetas, instrumentos do Espírito, embora em algumas ocasiões tenha revelado Sua vontade a outros indivíduos que não eram necessariamente profetas ou profetizas. E o que essas pessoas comunicavam como porta-vozes do Senhor era considerado “não como palavra de homens e sim como, em verdade é, a palavra de Deus” (I Tess. 2:13).

Abraão foi um homem privilegiado. Ele é o primeiro personagem das Escri-

turas a respeito de quem se diz: “veio a palavra do Senhor... numa visão” (Gên. 15:1) e é referido como “profeta” (Gên. 20:7). Houve um tempo na história do povo de Deus quando foram mencionados cem profetas contemporâneos. Em II Crônicas, são mencionados nominalmente 20 deles, em 26 referências ao ministério profético autêntico. No Novo Testamento e no livro aos hebreus existem referências a mais de uma dezena de indivíduos capacitados com o dom de profecia.

“Nestes últimos dias” é uma expressão utilizada por Judas, Paulo e Pedro. Poderia referir-se ao tempo anterior à vinda de Cristo, evento que eles esperavam fosse ocorrer em breve. Também poderia significar a época seguinte à da presença do Messias, que inaugurou um novo tempo de revelação e comunicação divinas; a era do reino messiânico, o começo do fim que assinalava a consumação da história do pecado.

Paulo contrasta a maneira fragmentária, parcializada, progressiva e limitada da revelação anterior com a inerente, dotada de autoridade plena, vista na pessoa do Filho. Como afirmou

Lutero, Jesus é essencialmente a Palavra de Deus, única e inerrante.

O profeta

Os escribas da lei, os fariseus legalistas conhecedores das Escrituras, os teólogos da época não O reconheceram como o enviado do Pai. “Veio para o que era Seu e os Seus não O receberam”; “o mundo não O conheceu”, afirma o evangelista (João 1:11 e 10). No entanto, o povo comum, pescadores indoutos, uma mulher de conduta duvidosa, um cego inculato, dois seguidores do Senhor que caminharam com Ele no dia da ressurreição reconheceram a Jesus como um profeta. Houve quem O identificasse como “um grande profeta”. Herodes chegou a pensar que Jesus Cristo era João Batista redivivo, e o povo comentava: “É Elias”; “um profeta”; ou “algum dos profetas”.

Após um dos milagres de multiplicação de alimentos, algumas pessoas afirmaram: “este é verdadeiramente o profeta que havia de vir”. E essa não foi a única vez que Cristo foi identificado como “o profeta” (João 4:19; 6:14; 7:40; 9:17; Luc. 24:19; 7:16; Mar. 6:14 e 15). Um tremendo paradoxo. Aqueles dos quais se esperava uma interpretação correta sobre o enviado de Deus erraram. E o povo comum, de quem se esperava erros de interpretação, estava certo. Jesus era o profeta que haveria de vir, anunciado pelo próprio Deus através de Moisés. É lamentável que não O reconheceram como profeta anunciado pelo Pai.

O tema do livro aos hebreus é Cristo, Sua magnífica pessoa, Seu sacerdócio e mediação. Dessa maneira, Jesus aparece superior a todos os profetas, superior aos anjos. Como sacerdote, supera a todos os que O antecederam, exercendo um sacerdócio mais eficaz e eterno. O santuário no qual ministra, aplicando os méritos de Sua vida e morte, já não é uma sombra, mas a própria realidade. É o templo original e o modelo das miniaturas terrestres.

George McCready Price lembra que o historiador judeu do primeiro século, Flávio Josefo, referiu-se a Daniel como “o maior dos profetas”. Price utilizou essa frase como título de seu livro sobre Daniel (*The Greatest of the Prophets*). E embora Daniel tenha sido um grande profeta, um “profeta internacional”, não foi o maior. Essa qualificação pertence a Cristo, posto que Ele é a suprema revelação da divindade.

O testemunho do Pai

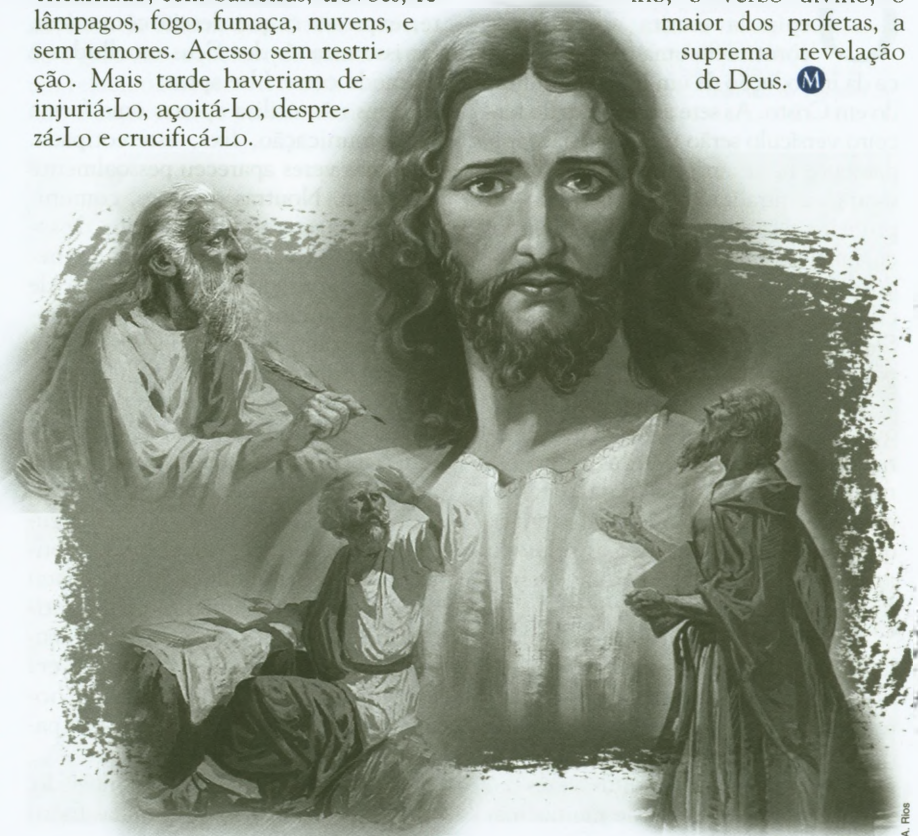
Moisés fala de uma profecia formulada pelo próprio Deus, na qual é vislumbrada a incomparável originalidade da encarnação da segunda pessoa da divindade, bem como Sua mediação. O povo nos dias de Cristo interpretou corretamente essa profecia. No Sinai houve trovões, relâmpagos, sons estridentes de trombeta, chamas de fogo, fumaça na montanha, nuvens espessas, tremores na terra. Tudo isso causou pânico e espanto entre o povo que tremeu tanto quanto o próprio Sinai. Conseqüentemente, o povo reagiu: “Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Êxo. 20:19). O Senhor aprovou tal atitude: “Falaram bem aquilo que disseram”, e anunciou que levantaria “um profeta do meio de ti, de teus irmãos ... a ele ouvirás” (Deut. 18:15-19).

Eruditos judeus referem-se a esse profeta como “o segundo Moisés”. Pedro e Estêvão identificam esse “segundo Moisés” com Jesus Cristo (Atos 3:23; 7:37). Há um contraste entre o Sinai e o monte de onde Jesus falou à multidão, enunciando os princípios do reino anunciado por João Batista, pelos discípulos e por Ele mesmo (Mat. 5-7). O povo aproximou-Se do Deus encarnado, sem barreiras, trovões, relâmpagos, fogo, fumaça, nuvens, e sem temores. Acesso sem restrição. Mais tarde haveriam de injuriá-Lo, açoitá-Lo, desprezá-Lo e crucificá-Lo.

William Graham Scroggie, reconhecido teólogo e pregador inglês, dizia que nascemos para aprender, confiar e obedecer. Para aprender, necessitamos de um mestre. O profeta era um mestre do qual Moisés é um modelo. Para confiar, necessitamos de um amigo. O amigo era o sacerdote mediador e intercessor. Arão cumpriu esse modelo. Para obedecer, necessitamos de um guia, e os reis cumpriam esse papel. Davi é um modelo de rei. O profeta, o sacerdote e o rei eram ungidos com óleo sagrado. Em Cristo, segundo Scroggie, estão conjugados esses três ofícios (*Cristo en el Credo*, págs. 40-43).

Jesus é o profeta, o sacerdote e o rei por excelência, ungido de Deus. O rei que pode guiar como nenhum outro pode fazê-lo. O sacerdote que pode mediar como ninguém, e o profeta-Mestre que pode ensinar e revelar como nenhum outro. Sobretudo é Deus, segundo o declaram João, Tomé, Paulo, e o próprio Deus, no início da epístola aos hebreus (João 1:1; 5:20; 20:28; Rom. 9:5; Tito 2:13; Col. 2:9; Heb. 1:8).

É maravilhoso que Deus tenha falado. Falou através dos profetas, mas tem-Se pronunciado e revelado muitíssimo melhor por intermédio do Filho, o Verbo divino, o maior dos profetas, a suprema revelação de Deus. **M**





Angel Manuel
Rodriguez

Th.D., diretor do
Instituto de Pesquisa
Bíblica da Associação
Geral da IASD

Igreja

*Ao aceitar dialogar
com outras denominações
cristãs, a Igreja
Adventista jamais
teve o propósito
de buscar unidade
a qualquer custo*

Os adventistas e o ecumenismo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não existe para viver isolada de outras comunidades cristãs. As tendências sociais e religiosas do mundo cristão exercem impacto sobre nós; elas nos forçam a decidir como deveríamos nos relacionar com elas mesmas e com seus desafios. A preocupação cristã a respeito da unidade da Igreja, apregoada particularmente através do Conselho Mundial de Igrejas, exige de nós uma posição definida nesse importante assunto. Certamente, “nenhum adventista pode se opor à unidade pela qual Cristo orou”.¹

Como Igreja, temos conversado com outras comunidades cristãs e até participado com elas em atividades específicas, tais como a promoção de liberdade religiosa através do mundo. Embora compreendamos a sua necessidade, utilidade e importância, temos entrado nesse diálogo com alguma apreensão. Estamos preocupados com a natureza da unidade perseguida e quanto aos métodos empregados na tentativa de consegui-la.²

Há muito debate no movimento ecumênico sobre a unidade da Igreja. Tradicionalmente essa unidade tem

sido compreendida como “concordância na confissão de fé, mutualidade nos sacramentos e no ministério eclesial, modelo comum de culto, testemunho e serviço à comunidade, habilidade para falar e agir em conjunto diante de tarefas e desafios concretos, dimensão local e universal da unidade eclesial, unidade bem como diversidade”.³

Essa compreensão de unidade eclesial é incompatível com o nosso pensamento, especialmente porque nos consideramos chamados a ser um movimento reformador, dentro de uma moldura profética. O tipo de unidade expresso nessa declaração ignora o dano que a apostasia causou ao cristianismo e não tenta remediá-lo.

Portanto, os adventistas são relutantes no que tange a envolvimento oficial com o movimento ecumênico organizado.

Modelos de unidade

Nos círculos ecumênicos, são propostos três modelos específicos de unidade:⁴

O primeiro é o *Modelo Corporativo-Federativo*. É considerado o tipo mais elementar, no sentido de que não trata de comunhão de fé, sacramentos,

culto e ministério. Esses são temas de grande preocupação no movimento ecumênico; de modo que, por isso, esse não pode ser considerado um modelo de unidade cristã.⁵

Esse modelo consiste no desenvolvimento de uma confederação ou aliança de igrejas, objetivando um trabalho conjunto em favor de interesses comuns. A identidade e a autonomia de cada Igreja são preservadas e respeitadas. Os adventistas têm permanecido abertos a um possível envolvimento com uma tal federação, porque ela não ameaça a missão nem a mensagem da Igreja. Particularmente esse é o caso da França, com nossa participação na Federação Protestante Francesa.

O segundo modelo é chamado *Modelo de Reconhecimento Mútuo*. Uma das metas principais do diálogo ecumênico é a compreensão, por parte das igrejas participantes, de que todas elas são uma expressão genuína da única igreja de Cristo em sua plenitude.⁶

Entre os católicos a situação é muito diferente. Na teologia católica, a única igreja de Cristo subsiste em sua plenitude apenas na Igreja Católica: “A única igreja de Jesus Cristo está

concretamente real e presente na Igreja Católica Romana, na comunhão com o papa e com os bispos em comunhão com ele. Nessa afirmação reside o nervo do diálogo ecumênico.⁷⁷

De acordo com a teologia adventista, a única igreja de Cristo não subsiste em qualquer Igreja ou denominação em particular. Essa postura eclesial fundamental torna praticamente impossível nos tornarmos parceiros em qualquer diálogo que tenha em vista a unidade com outro organismo cristão. Cremos que a única igreja de Cristo é fundamentalmente invisível, difundida através dos diferentes segmentos cristãos. Embora entendamos que a igreja apostólica era plenamente visível, também reconhecemos que ela logo se tornou largamente invisível como resultado da apostasia.

No pensamento adventista, o alvo do verdadeiro ecumenismo é a restauração das verdades bíblicas rejeitadas ou ignoradas por diversos organismos cristãos. Conseqüentemente, os adventistas se vêem como um movimento de reforma, destinado a chamar os cristãos de volta às Escrituras como o único fundamento de fé e prática, e à restauração da verdadeira fé apocalíptica. Poderíamos sugerir que os adventistas consideram sua missão “ecumênica” como um instrumento para tornar novamente visível a igreja invisível, antes da volta de Jesus, no desfecho do conflito cósmico na Terra.

O terceiro modelo de unidade eclesial é o *Modelo de Unidade Orgânica*. Embora ele seja possivelmente o alvo final do diálogo ecumênico, parece ser um ideal que nunca será completamente atingido.

A missão ecumênica da Igreja Adventista é restaurar as verdades bíblicas ignoradas ou rejeitadas pela cristandade.

“Em contraste com os modelos cooperativo-federativo e reconhecimento mútuo, o modelo de unidade orgânica exclui estritamente a possibilidade de independência institucional, confessional, de forma e identidade dentro da unidade cumprida. Esse é o aspecto patético deste modelo.

Quando as igrejas que vivem no mesmo território entrarem numa união orgânica, elas cessam de existir como entidades institucionalmente identificáveis. O que surge é uma única igreja com sua própria identidade. A lealdade de seus membros pertence agora a essa única igreja, e não às respectivas igrejas de onde eles vieram e pelas quais a união foi formada.”⁷⁸

Aí está um modelo de unidade problemático para a maioria das comunidades cristãs, considerando que ele requer mudanças radicais e a perda, em grande parte, da identidade eclesial. Na verdade, ele é incompatível com a mensagem e a missão da Igreja Adventista. Ao lado disso, não parece ser prevaletente entre os círculos ecumênicos, mesmo apresentado como um ideal. Tem sido largamente substituído pela busca por “unidade visível”.

Igreja solidária

Existe agora um interesse no que pode ser chamado de *Modelo de Igreja Solidária*, baseado no modelo de reconhecimento mútuo.⁹ Igrejas possuindo diferentes confissões poderiam desfrutar a unidade solidária com ou sem unidade orgânica. De acordo com esse modelo, a identidade confessional não precisa ser renunciada, mas reconhecida e aceita como uma expressão da fé apostólica e vida da igreja. O que deve ser eliminado são a “perspicácia e profundidade divisória”.¹⁰

O conceito de solidariedade embutido nesse modelo está fundamentado sobre “uma compreensão comum do evangelho e sua correta transmissão na proclamação da Palavra e dos sacramentos”. Trata-se de um conceito muito similar ao conceito católico de comunhão, com a

visão ecumênica.¹² Os católicos têm notado que seu diálogo bilateral usualmente “define a unidade visível de todos os cristãos como uma unidade de comunhão, e concordam em compreendê-la não como uniformidade,

mas como unidade na diversidade e diversidade na unidade”.¹³

Mas ainda consideramos inaceitável esse modelo. Há pensamentos que são distorções da fé apostólica. No pensamento adventista é praticamente impossível separar a compreensão do evangelho de outras afirmações doutrinárias.

As doutrinas adventistas não são unidades independentes, mas um corpo que expressa um sistema completo de verdades centralizadas em Jesus. Quando as doutrinas são vistas como uma totalidade, elas transmitem uma teologia que é muito maior que suas partes.

Riscos

O envolvimento adventista em conversações interdenominacionais jamais teve o propósito de buscar unidade a qualquer custo com outras igrejas. Temos usado tais oportunidades com o objetivo de partilhar nossa verdadeira identidade e nossa missão, e como um meio de eliminar incompreensões e preconceitos contra nós. Nessa tarefa, o Conselho de Relacionamento Interconfessional da Associação Geral desempenha um significativo papel. Na verdade, ele tem se mostrado de grande valor para a Igreja e a tem representado com dignidade e respeito.

Todas as conversas, formais ou informais, contêm riscos e benefícios. Enumeramos abaixo alguns riscos:

Comprometimento da unidade eclesial. Vivemos em uma época de suspeita e medo de conspirações. E alguns membros na igreja vêem conspiração em tudo o que os nossos líderes e teólogos fazem. Geralmente ouvem que a Igreja está conversando com outra denominação e logo suspeitam de que nossas crenças estão sendo alteradas ou comprometidas.

Em outros casos, eles talvez percebam o envolvimento da Igreja em qualquer diálogo interconfessional como uma ameaça à nossa missão, particularmente no contexto dos últimos acontecimentos. O risco poderia ser minimizado se houvesse melhor comunicação entre os líderes e os membros sobre as razões de tais encontros.

Comprometimento doutrinário. Os que estão dialogando com outras denominações podem ser tentados a não enfatizar muito as diferenças e enfatizar as semelhanças. Na verdade, isso parece ser parte da psicologia do diálogo interdenominacional envolvendo o Conselho Mundial de Igrejas.

Sempre existe o risco de dar pouco destaque às diferenças, com o objetivo de torná-las mais palatáveis ao parceiro da conversação. Portanto, é muito importante para a Igreja que as pessoas escolhidas para dialogar conheçam bem o que cremos, estejam pessoalmente comprometidas com nossa

mensagem e não se envergonhem dela. Tais indivíduos não deveriam ir às reuniões para comprometer nossas crenças, mas para nos representar com o melhor de suas habilidades.

Comprometimento evangelístico. O fato de nos aproximarmos de outras igrejas poderia dificultar nossa missão em relação a elas. É tentador concluir que uma vez que os crentes dessas comunidades são bons cristãos, temos pouco ou nada para lhes oferecer. Por que deveríamos convidá-los a se tornarem adventistas? Porventura nos sentiríamos livres para falar aos membros daquelas igrejas que o evangelho e a lei não estão em oposição mútua, ou que o ensinamento dos seus pastores a respeito do sábado e da volta de Jesus é falso?

Portanto, é importante que enfatizemos não apenas nossas doutrinas e mensagem, mas também nossa missão. Os demais cristãos têm de compreender que temos um papel específico a desempenhar no mundo religioso, e que nosso alvo não é uma comunidade particular, mas todo o mundo. Nossa missão é levar a mensagem a todo povo, língua e nação. Deveríamos deixar claro que proselitismo não é errado, mas um aspecto intrínseco da liberdade com a qual Deus contemplou a raça humana, e uma forma saudável de conservar o equilíbrio na diversidade que é crítica para a busca da verdade.

Benefícios

Apesar dos perigos potenciais, os encontros com outros cristãos também possibilitam benefícios:

Partilhar a mensagem adventista. Ao nos aproximarmos de outras pessoas fora do nosso círculo denominacional, deveríamos fazê-lo como parte de nosso trabalho missionário, partilhando as nossas crenças. É nossa responsabilidade informar o mundo cristão sobre as razões pelas quais existimos como uma Igreja.

A ênfase que damos aos temas relacionados com o fim dos tempos requer que nossa mensagem seja bem conhecida pelo mundo cristão. Temos que aproveitar toda oportunidade para apresentar a outros o que proclamamos como verdades para este tempo.

Apresentar a verdade de forma atrativa. Um dos principais benefícios da conversa com outros cristãos é que somos desafiados a examinar nossos ensinamentos e buscar maneiras para expressá-los de um modo simpático. Tudo o que vamos oferecer deve ser cuidado-

samente examinado e avaliado, para que resulte persuasivo e convincente.

A confrontação de idéias diferentes e irreconciliáveis às vezes é inevitável; mas elas devem ser apresentadas de modo atraente. A proclamação de qualquer verdade particular deve ter como propósito fazer amigos, não inimigos. Isso não significa que devemos sacrificar a verdade pela amizade, mas que todo esforço deve ser feito para apresentá-la numa embalagem atrativa. Ou seja, devemos apresentar a mensagem de tal modo que ela seja compreendida facilmente, levando as pessoas a concluir que, embora discordem da nossa posição, o que falamos faz sentido e tem uma base bíblica.

Aproveitar a informalidade para esclarecer questões. À parte da apresentação de estudos e materiais de pesquisas sobre nossa mensagem e missão, sempre há oportunidades para conversa informal. Esses momentos importantes nos dão a chance de falar mais livremente do que em um encontro formal. Normalmente nossos parceiros têm muitos tópicos sobre os quais se sentem livres para questionar apenas enquanto caminhamos juntos durante o intervalo, ou participamos de uma refeição.

Em tais reuniões, nós nos conhecemos melhor e, ocasionalmente, as questões sensíveis são levantadas atrás das cenas, entre amigos. Aqui, o testemunho toma a sua dimensão pessoal, num momento em que a confrontação está em seu ponto mais baixo.

Eliminar preconceitos. O diálogo interconfessional também é útil para darmos informações que ajudarão a eliminar preconceitos contra a Igreja. Em alguns casos, o preconceito é tão forte que se torna difícil para nossos interlocutores aceitar o que dizemos sobre nossa verdadeira posição diante de um assunto teológico em particular. Idéias preconcebidas não lhes permitem ouvir-nos.

Por outro lado, como adventistas, podemos também ter informações falsas ou imprecisas a respeito de outras igrejas. Só a verdade é mais efetiva no tratamento com outros. Falsos estereótipos e falta de informação correta enfraquecem o testemunho. O propósito da conversação é precisamente criar

um ambiente no qual haja boa vontade das duas partes para se ouvirem mutuamente, dentro de um espírito de amor e cordialidade.

Devemos aproveitar todas as oportunidades para tornar melhor conhecidas e efetivas nossa Igreja e nossa missão.

Oportunidade missionária

Os adventistas do sétimo dia não se isolam do mundo cristão em sua busca por unidade. Temos nos envolvido, de maneira seletiva, em conversações com outras comunidades religiosas, não porque desejamos ou aceitamos a unidade nos termos em que elas apresentam, mas porque queremos ser conhecidos e eliminar incompreensões.

É importante, para nós como teólogos e pastores, termos em mente que ao nos envolvermos em atividades com representantes de outros grupos religiosos, somos chamados a representar a visão da Igreja à qual servimos; não a nossa visão particular. O entendimento que temos a respeito da nossa missão torna impossível entrarmos em um diálogo ecumênico segundo as linhas resumidas pelo Conselho Mundial de Igreja e pela Igreja Católica Romana.

Apesar de tudo, devemos aproveitar a vantagem do espírito ecumênico para tornar melhor conhecidas e mais efetivas nossa Igreja e nossa missão. **M**

Referências:

- ¹ Walter Raymond Beach e Bert Beverly Beach, *Pattern for Progress: The Role and Function of Church Organization* (Hagerstown, Md: Review and Herald Publishing Association, 1985), pág. 100.
- ² Ver, por exemplo: *Vatican II: Bridging the Abyss* (Washington, D.C.: Review & Herald, 1968), págs. 259-266;
- ³ Harding Meyer, *That All May Be One: Perceptions and Models of Ecumenicity* (Grand Rapids, Mi: Eerdmans, 1999), pág. 43.
- ⁴ *Ibidem*, págs. 81-100.
- ⁵ *Ibidem*, págs. 83-86.
- ⁶ *Official Report of the Seventh Assembly of the World Council of Churches* (Geneva: Conselho Mundial de Igrejas, 1971), pág. 173.
- ⁷ Walter Kasper, *The Catholic Church in Ecumenical Dialogue 2000: Articles by Members of the Pontifical Council for Promoting Christian Unity* (Washington D.C.: Associação dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, 2002), pág. 9.
- ⁸ Harding Meyer, *Op. Cit.*, pág. 97.
- ⁹ *Ibidem*, págs. 107 e 108.
- ¹⁰ *Ibidem*, pág. 109.
- ¹¹ *Ibidem*, pág. 111.
- ¹² Walter Kasper, na obra já citada, à pág. 11, considera "plena comunhão no sentido pleno... apenas uma esperança escatológica".
- ¹³ *Ibidem*, pág. 6.



Richard O'Ffill

Diretor do Ministério de Saúde na Associação da Flórida, Estados Unidos

Devocional

Mais do que um acontecimento na vida diária, a oração é um meio de habilitar-nos a ter uma conexão viva com Deus e assim crescermos em santificação

A respiração da alma

Embora a oração não seja o salvador de uma pessoa, é certo que ninguém será salvo sem oração. Quando é ministrado o último estudo bíblico, ou pregado o último sermão, o fato é que a resposta a um apelo seguido de oração pode significar o momento da salvação de uma pessoa. Jesus entra em nossa vida em resposta à oração, já que Ele mesmo disse: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Luc. 11:9).

Uma realidade dura e ao mesmo tempo premente é que um ministro que diz ter um relacionamento com Deus, mas não é um homem de oração está sendo desonesto. Oração é comunicação com Deus, e não podemos dizer que nos relacionamos com uma pessoa com a qual não nos comunicamos. Não deveria surpreender-nos o fato de que homens e mulheres de Deus em todas as gerações tenham sido, sem exceções, indivíduos de oração.

Sendo essa uma verdade indiscutível, é seguro afirmar que nossa condição espiritual em qualquer momento é um reflexo direto de nossa vida de oração. Antes de um bebê nascer, quando ainda é um feto, o sangue materno lhe provê

oxigênio. Depois que ele nasce, no entanto, precisa começar a respirar por si mesmo. A oração é a respiração da alma.

Um cristão saudável sempre é uma pessoa de oração. E isso é duplamente verdade quando se trata de um pastor. Quando o pastor ora, alcança os mais ricos benefícios para si mesmo e para a sua congregação. Um pastor que negligencia a oração mais cedo ou mais tarde pagará um elevado preço, na forma de um definhamento espiritual. No início pode ser difícil perceber, mas eventualmente os sintomas se tornarão inconfundíveis.

A oração, antes sincera e fervorosa, logo se torna apenas em palavras vazias e formalidade. Os valores das pessoas que negligenciam a oração começam a distanciar-se de Cristo, tomando a direção das futilidades da presente geração. Cada vez menos elas pensam, sentem e falam sobre Cristo e as coisas espirituais. O tempo a sós com Deus se torna cada vez menos freqüente, até que desaparece totalmente. A resistência ao pecado torna-se progressivamente menos importante, sendo observada apenas quando vêm à mente a lembrança de conseqüências mais sérias.

A oração na igreja

A oração bem como a sua falta têm conseqüências de longo alcance. Se uma igreja parece estar morta, entre as muitas razões freqüentemente apresentadas para isso, uma, fundamental, é que há muito tempo a oração também morreu nessa igreja. Portanto, se deve haver reavivamento e reforma em uma congregação, primeiramente ela precisa experimentar um reavivamento da oração. Não é que exista algo mágico no próprio ato de orar, mas a oração é o meio pelo qual falamos com Deus e Ele conosco.

Diz-se que há três tipos de igreja:

Primeiramente existe aquela na qual faz-se uma oração na abertura da programação, a oração pastoral, a oração pela oferta e uma oração final.

Em segundo lugar, existem igrejas que possuem um departamento ou ministério de oração.

O terceiro tipo é uma igreja viva onde tudo o que acontece em toda fase de sua vida é banhado em oração.

Certa ocasião preguei numa igreja em cujo boletim foi anunciado um encontro, depois do culto, com os "guerreiros da oração". Depois de cumpri-

mentar e despedir os membros, após o sermão, voltei ao templo para reunir-me com aquele grupo, que era composto pelo pastor, um adolescente e três mulheres. Enquanto nos ajoelhávamos, fiquei me perguntando onde estavam os anciãos, diáconos, diaconisas e outros líderes daquela igreja. E passei a crer, de todo o coração, que líderes de uma igreja devem ser homens e mulheres de oração. Como posso eu ser um líder legítimo de uma congregação, se não sou um homem espiritual? Como posso ser um líder espiritual se não sou um homem de oração?

Dou graças a Deus porque, em todas as igrejas, temos pessoas que responderam ao Seu chamado para orar. Graças a Deus por aqueles a quem podemos chamar de “guerreiros da oração”. Porém, não devemos delegar a vida espiritual da igreja ao departamento ou ministério da oração. Se esperamos ser física, emocional ou espiritualmente saudáveis, não devemos esperar que outros façam em nosso favor o que podemos fazer por nós mesmos, isto é, desenvolver nossa própria vida de oração.

Tempo para orar

Um dia, um colega e eu estávamos conversando a respeito de oração. Ele me disse que, juntamente com sua esposa, acabara de assistir a um encontro de casais. Um dos propósitos daquele retiro foi encorajar os casais a exercitarem a comunicação. E, em determinado momento, os participantes foram incentivados a escrever para o respectivo cônjuge pequenos bilhetes contendo qualquer mensagem. Meu amigo me disse que um dos bilhetes que recebeu da esposa continha a pergunta: “Quando você ora?”

Logo entendi que ela não estava se referindo às orações feitas na igreja, no culto familiar ou antes das refeições. Ele queria saber quando ele gastava tempo a sós com Deus.

“E o que você respondeu?”, perguntei-lhe.

Ela falou: “Eu disse a ela que costumo orar enquanto caminho ou dirijo o automóvel.” E, olhando-me diretamente nos olhos, acrescentou: “Dick, eu não tenho tempo para orar.”

Nunca esqueci aquelas palavras. Sua resposta para a esposa poderia aparentar que ele orava todo o tempo; mas na verdade o que ele me disse era uma confissão de que, embora orasse

“todo o tempo”, não estava dedicando a Deus tempo especial.

Se por um lado pode ser inspirador, por outro, também pode ser intimidatório ouvir alguém dizer que se levanta sempre às quatro da manhã para orar durante duas horas. Isso pode levar um ouvinte a sentir que toda pessoa espiritual tem de fazer o mesmo e, se não conseguir, é porque tem uma vida espiritual inferior. Por isso, devemos ser habilidosos ao falar da nossa vida devocional, a fim de não parecer que estamos nos mostrando como padrão para outras pessoas. Embora essa meta possa ser uma inspiração para alguns, quando é referida com exibição acaba desencorajando outros. Jesus não deixou dúvidas de que o tempo devocional deve ser não apenas privado, mas secreto, a fim de que não seja ostentado diante de outras pessoas como sendo um modelo de superioridade espiritual.

Para um indivíduo que não é matinal, e há muitos, eu gostaria de dizer que se não lhe é possível levantar-se às quatro horas e investir algum tempo de qualidade com Deus, faça-o no momento em que acordar. E isso não para “ser visto pelos homens”, mas para viver. Começar o dia, independentemente de quando você acorda, sem falar com Deus e submeter-lhe seus caminhos, acabará complicando sua vida espiritual durante o tempo que lhe resta. Nosso bem-estar físico e nossa própria existência exigem que nos alimentemos e respiremos todos os dias. A mesma coisa acontece com a vida espiritual.

Embora seja essencial investir tempo de qualidade com Deus, cada dia, a vida devocional pode facilmente se tornar uma rotina que não apenas perde o significado, mas se torna um fardo que carregamos pela vida afora.

Um estilo de vida

Algum tempo atrás descobri que um amigo meu sentiu que não amava mais a esposa. Tudo indicava que ele se apaixonara por outra mulher. O fato intrigante é que aquele homem era muito espiritual; costumava levantar-se bem cedo para orar com outras pessoas, antes de começar seu dia de trabalho.

Quando ouvi sobre o assunto, fi-

quei pensando como era possível uma pessoa gastar tempo com Deus, todos os dias cedo, e ao mesmo tempo prejudicar seu relacionamento com a esposa. Entendi que isso pode acontecer quando compartimentalizamos nossa vida. A oração jamais foi um fim em si mesma, nem simplesmente mais um acontecimento em nossa vida diária. Oração é um meio para um fim, ou seja, habilitar-nos para ter uma conexão viva com Deus e assim crescermos em santificação. É um estilo de vida.

Pesquisas sobre o hábito de orar de certas pessoas indicam que, embora a maioria ore, a oração tem pouco efeito na direção de sua vida. O problema é que muitas pessoas dividem a vida em dois compartimentos. Um deles é o que chamam de vida espiritual; e o outro é a chamada vida secular. Um indivíduo que tenta manter o equilíbrio entre a vida espiritual e a secular pode ser comparado à imagem de Daniel 2, cujos pés eram de ferro e barro misturados: “não se ligarão um ao outro” (Dan. 2:43). Nossa vida não pode ser espiritual e, ao mesmo tempo, materialista.

A vida verdadeiramente espiritual inclui um caminhar diário com Deus.

Uma vida verdadeiramente espiritual é aquela que não apenas começa o dia com Deus, mas inclui um caminhar diário com Ele. A vida devocional é um estilo de vida para o cristão; uma demonstração prática do texto que diz: “Pois nEle vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:28).

Muitas pessoas têm testemunhado a respeito de serem abençoadas por jejuar e gastar muitas horas em oração à noite ou pela manhã. No entanto, é possível que alguém faça tudo isso e não tenha o coração nessas coisas. As Escrituras nos advertem que é possível ter aparência de piedade sem a eficácia (II Tim. 3:5). O teste final de uma vida de oração efetiva é a mudança de vida. Jesus foi claro ao dizer: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mat. 7:20).

Como pastores, não é suficiente que sejamos homens de oração, mas homens que oram enquanto vivem. **M**



Divulgação

Miroslav Kis

Ph.D., é professor de ética no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Ética

Toda fibra do corpo do pastor, toda pulsação e todo momento de seu tempo devem pertencer a Deus

Reavaliando a identidade pastoral

Num sábado pela manhã, enquanto nos preparávamos para o culto, um ancião da igreja na qual eu iria pregar perguntou-me sobre qual era o assunto do sermão para aquele dia. “Sexo”, respondi. Os demais anciãos entreolharam-se, depois olharam para mim, e entreolharam-se de novo. Finalmente, um deles cochichou-me, preocupado: “Não existe nenhum hino, em nosso hinário, apropriado para esse tema.”

O problema imediato daqueles irmãos aparentemente era encontrar um hino que estivesse de acordo com meu sermão. O susto que tiveram, entretanto, os traía revelando uma preocupação mais abrangente, que era o próprio tema da mensagem. Devo admitir que eles tinham boas razões para estarem consternados. A primeira delas: um sermão é um evento público, solene; mas meu tema era sexo, uma questão íntima, privada. A segunda razão é que a mídia e a sociedade em geral falam, escrevem, pintam, filmam, fotografam e expõem a nudez e o sexo com surpreendente despudor. E esse era o centro da preocupação daqueles

anciãos; não que eles rejeitassem a sexualidade em si mesma.

Adão e Eva estavam nus e todavia “não se envergonhavam” (Gên. 2:25). Mas há uma diferença altamente significativa que não podemos desconsiderar: Alguém não ter vergonha do sexo, na privacidade do seu quarto e na presença do cônjuge, é uma coisa. Tratá-lo com libertino despudor é outra coisa.

O sexo sempre foi e ainda é sagrado. Nele reside o cerne da ação criativa de vida outorgada por Deus. É central para sua função a capacidade divina, virtualmente miraculosa, de reproduzir vida. Assim, não é difícil perceber que existe um insulto à dignidade humana e mesmo à identidade humana quando tratamos o assunto de maneira descuidada e até profana, no âmbito público. A questão subjacente dos anciãos era: Será que este pregador vai usar o púlpito para falar desavergonhadamente sobre sexo?

De alguma forma procurei assegurar àqueles constrangidos irmãos de que eu não faria isso. Mas também tratei de adverti-los contra um risco maior, ou seja, o risco de, por omissão, deixar

um assunto tão sagrado simplesmente a cargo da mídia secular ou, pior, sob a responsabilidade da ideologia de *Playboy* que, propositadamente, omite qualquer ligação entre a sexualidade humana e Deus, ignorando o Seu veredicto sobre tudo o que criou: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gên 1:31).

Preguei o sermão e, enquanto cantávamos o último hino, o primeiro ancião discretamente inclinou-se para mim e agradeceu por abordar o assunto “de maneira tão agradável”.

Neste e nos próximos artigos desta série, pretendemos discutir o assunto do sexo e da sexualidade no pastorado. Ao fazermos isso, é crucial falar franca e abertamente, porém com discrição e refinamento. Todo aspecto desse tema merece nosso respeito. Toda pessoa envolvida ou afetada por adultério ou fornicação é digna do nosso amor e nossa consideração, independente de que lado se encontre na “linha de culpa”, e de quão hediondo seja o seu pecado. Essa é a única maneira como Jesus deseja que procedamos e o único caminho para evitar a hipocrisia.

Definição de termos

Considerando que a sexualidade envolve o ser humano inteiro (I Cor. 6:18), e considerando que muitas outras áreas da vida contribuem para nossa compreensão a seu respeito, talvez seja necessária a definição de alguns termos.

Libido, por exemplo, é um termo significativo da energia física, principalmente sexual, em sua natureza. Ela funciona como uma força motivadora, como um instinto de vida em oposição ao temor da morte, segundo Freud. É “a totalidade da energia mental à disposição de Eros, o instinto do amor”.¹

Sublimação é a capacidade para transformar o direcionamento sexual desviando-o para outros canais e formas de expressão. O sentido de chamado que Paulo tinha e sua responsabilidade pela pregação do evangelho consumiam todas as energias do seu ser (I Cor. 7:7). Artes, trabalho humanitário, devoção monástica, cuidado pelas necessidades de um familiar ou semelhante são atitudes capazes de sublimar o direcionamento sexual em muitos indivíduos saudáveis.

A *outra mulher* sempre se refere à parceira sexual envolvida em adultério ou fornicação.

O *outro homem* será sempre uma referência ao marido da outra mulher.

Ideologia de Playboy. Essa frase reflete uma visão de sexualidade caracterizada pelos seguintes conceitos: 1) a sexualidade é uma função física e psicológica do corpo, com uma ligação pouco significativa com outras dimensões do ser humano; 2) a insistência de que o ato sexual é o único meio disponível para expressar a sexualidade de alguém; 3) a imposição de limites para as atividades sexuais impede o desenvolvimento saudável da personalidade humana; e 4) a representação das mulheres como objetos sexuais utilizáveis para satisfação de necessidades e fantasias sexuais.

Partes prejudicadas. É uma referência a Deus, aos membros da família, igreja e comunidade que são afetados por um caso de adultério.

Funções ministeriais

Inicialmente, na tentativa de captar o conceito bíblico de pastorado com a sexualidade humana como pano de fundo, perseguiremos uma abordagem de duas faces. Na primeira, pesquisaremos algumas imagens bíbli-

cas que tratam da identidade pastoral. Então examinaremos os papéis e funções inerentes a essa identidade e requeridos hoje, segundo uma visão bíblica do ministério pastoral.

As Escrituras usam muitas imagens para o pastor, cada uma delas definindo, em sua própria maneira, o ministério e a responsabilidade do clérigo. Vejamos algumas delas.

Pastor. Através da Bíblia, Deus usa a figura de um pastor a fim de comunicar Sua idéia da identidade de um líder do Seu povo. Em momentos de frustração com a influência corruptora dos sacerdotes e reis de Israel e Judá, o Senhor prometeu a vinda de um Pastor de acordo o Seu coração (Isa. 40:11; Jer. 3:15; 31:10).

Jesus Cristo cumpriu essas palavras proféticas quando pintou a Si mesmo como o Bom Pastor (João 10:1-18). Um bom pastor não se vê em competição com a ovelha, nem suas atitudes em relação a elas são de condescendência. Ele respeita a identidade de suas ovelhas (vs. 3 e 4). Se elas necessitam de nutrição, isso não acontece porque sejam inferiores, mas porque são simplesmente ovelhas. Se o pastor as guia, lhes provê alimento farto e águas tranquilas, se elas são vulneráveis e necessitam ser protegidas dos predadores, se ficam perdidas e não encontram o caminho de volta, tudo isso é porque elas são ovelhas normais, autênticas. O pastor não pode alimentar o pensamento de abandoná-las aos ladrões ou estranhos (vs. 5-10)

Entre o pastor e suas ovelhas existe uma radiante e magnética atração de amor, um elo de confiança em lugar do controle frio e burocrático, manipulação exploradora ou mesmo coerção sádica. (Ezeq. 34:1-31). O bom pastor ama suas ovelhas o bastante para morrer por elas (João 10:11, 17 e 18), e elas sabem disso muito bem (v. 5). Há um senso muito forte no qual o pastor encontra sua identidade na identidade de suas ovelhas. Ele é um “homem-ovelha”.

O apóstolo Pedro advertiu os líderes da igreja para que se vissem como subpastores, ou seja, pastores que têm acima de si um Pastor-chefe – Jesus – a quem devem imitar (I Ped. 5:2-4). Embora esses subpastores necessitem ser pastoreados por Cristo Jesus, eles são chamados a cultivar as qualidades pastorais de caráter diante das suas ovelhas. Não devem abastar-se às custas das ovelhas, nem devem encarar

seu papel como um trabalho profissional ou uma ocupação para ganhar dinheiro. O rebanho de Deus deve beneficiar-se do mais alto padrão de um ministério altruísta, um padrão para o qual os mercenários são incapazes.²

Sacerdote. A imagem de um sacerdote está associada a uma qualidade in-comum: santidade. A palavra hebraica para “santo” é *qds*, cujo significado é “separado”. Imagine a reverência demonstrada por Arão e seus filhos, enquanto Moisés cumpria as instruções de Deus na ordenação. A lavagem corporal, o vestuário, o éfode, o Urim e o Tumim, o turbante, a coroa de ouro, os sacrifícios (Lev. 8:1-36). Como o auto-conceito totalmente novo de Arão, a identidade *qds* deve ter crescido enquanto seu ego pessoal era reduzido! Como suas mãos e voz devem ter tremido enquanto ele dava os primeiros passos do seu reverente ministério ao povo de Deus no tabernáculo!

Podemos presumir que o papel e função pastoral na igreja não podem ser completamente identificados com o sacerdócio do Antigo Testamento. Mesmo assim as instruções de Paulo a Timóteo e a Tito, a respeito das elevadas qualidades de caráter e a identidade de um ministro cristão, não ficam abaixo dos padrões fundamentais daquele sacerdócio (I Tim. 4:11 e 12; 6:11 e 12).

“Porque é indispensável que o bispo seja irrepreensível como despenseiro de Deus, não arrogante, não irascível, não dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância; antes, hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si, apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem” (Tito 1:7-9).

Mestre. Os sacerdotes e líderes dos tempos bíblicos viam-se a si mesmos como mestres (Lev. 10:10 e 11). Submetiam-se a treinamento rigoroso, tornando-se bem versados no conhecimento da verdade, na comunicação desse conhecimento e na boa formação do povo de Deus (Deut. 17:8-13). Quando eles falavam, faziam-no com a autoridade de um professor. Quer ensinassem a verdade ou o erro, eles exerciam grande influência no pensamento e nas ações dos seus ouvintes.

O próprio Jesus aceitou o poderoso título de Rabi (João 13:13) e as pes-

soas podiam depender dEle para proteção contra a ignorância e a falsidade. Paulo requeria dos ministros habilidade para ensinar (II Tim. 2:24) e os advertiu repetidamente a que instruissem na sã doutrina os que estavam sob sua responsabilidade (I Tim. 4:11; II Tim. 2:2; 4:5; Tito 1:9).

Profeta. Os profetas são chamados para falar diante do povo de Deus e diante de Deus. A escolha de uma pessoa para o ofício de profeta não está baseada em origem sexual, étnica, situação educacional ou socioeconômica. O profeta bíblico tinha o senso de ser tomado (Amós 7:15), de ser chamado por Deus quase como se fosse abduzido por Ele. Jeremias foi recrutado numa verdadeira “queda de braço” (Jer. 1:4-10); e Moisés somente cedeu após uma extensiva persuasão (Êxo. 3:1-4:17). Nenhum dos que foram chamados a esse posto cobiçou tal posição. Um profeta compreendia que o chamado era um santíssimo privilégio, uma tarefa irresistível e uma pesada responsabilidade (Jer. 20:7-12). Quando os profetas falavam, Deus falava através deles (Êxo. 4:14-17).

Os ministros do evangelho partilham, em grande medida, desse auto-conceito. Como os profetas do Antigo Testamento, os pastores são atalaias sobre os muros de Sião (Isa. 62:6; I Ped. 5:2), soldados que participam dos sofrimentos (II Tim. 2:3), homens de Deus, acima e antes de tudo comprometidos com Ele (II Reis 4:8-17; I Tim. 6:11).

A menos que o pastor seja um exemplo vivo de compromisso com a santidade e a virtude, poderá desviar o rebanho.

Antecedentes bíblicos

Deus guia o Seu povo. Ele que conhece a natureza humana, que compreende o contexto no qual vivemos e que antecipa os perigos que enfrentamos, chama indivíduos aos quais comissiona várias tarefas e deveres. A imagem de um pastor antecipa a necessidade por alguém que guia, que conhece o caminho, e que inspira outros a segui-lo (Sal. 23).

Isso introduz a incrível oportunidade para os pastores cuidarem e nutrir a

pessoa no seu todo. O pastor é um indivíduo que participa de todos os eventos importantes na vida de um membro de igreja. Ele ouve confissões de natureza mais íntima. Tem acesso às mais ignominiosas e às mais festivas cenas, à mais baixa e à mais elevada linguagem, aos mais chocantes e aos mais belos segredos. Isso é tudo o que é um pastor. Ele é um homem da igreja, no mais alto sentido. Sabe o que fazer com o lixo e com o tesouro. Por isso as pessoas sabem que podem se mostrar vulneráveis ao seu pastor, como não o fariam diante de qualquer outro profissional.

Um pastor pode ser chamado em qualquer momento do dia ou da noite, para atender qualquer tipo de necessidade: uma crise física ou mental, um problema financeiro, ou mesmo problemas de natureza sexual. Ainda que uma pessoa necessite uma intervenção especializada ou paramédica, polícia ou bombeiro, tudo se tornará mais fácil e seguro se também tiver o pastor ao seu alcance. Por tudo isso já podemos entender a razão pela qual a traição da confiança pastoral é tão devastadora.

O papel sacerdotal projeta a necessidade de um modelo de santidade e a mais alta virtude. Paulo aconselhou Timóteo a ser o exemplo “dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (I Tim. 4:12). O conceito bíblico de santidade é tornado visível na maneira como vive um pastor: o estilo *qds* de vida. Esse modo de viver incorpora aspectos como uma

paixão por justiça e verdade, junto com uma conduta eticamente responsável. “Envolve a reflexão sobre o que fazemos, a visão moral cristã pela qual compreendemos quem

somos. Justiça é a expressão humana de santidade incorporando uma visão enraizada na perspectiva moral.”

A igreja necessita de pastores desse tipo, que atuem como intercessores e reconciliadores entre ela e Deus, e que também sejam mediadores entre ela e seus vizinhos. O pastor guiará seu rebanho e as ovelhas o seguirão. Mas, a menos que ele seja um exemplo vivo de compromisso com a santidade e a virtude, poderá facilmente desviar o rebanho.

Como um *mestre*, o ministro do evangelho causa impacto na mente e no processo de pensamento do seu rebanho. É difícil saber a medida exata (pouco ou muito) do que ele conhece e de como ele realmente vive o que ensina. O poder e autoridade originados de sua habilidade provê o pastor com a credibilidade tão necessária para inspirar o povo a correr os riscos que o crescimento na graça e a maturidade demandam. Entretanto, a autoridade combinada com essa credibilidade pode servir como um cobertor sob o qual um mal destrutivo pode florescer.

A função *profética* do pastor é a mais desafiante de todas. Ela abrange todas as características anteriormente mencionadas, com uma diferença de importância capital: a realidade do chamado divino. O pastorado é uma vocação divina que alcança indivíduos em qualquer tempo e lugar, e os encarrega de tarefas sobre-humanas. Pastores são atalaias sobre os muros de Sião (Isa. 62:6 e 7; Ezeq. 33:1-9). Os pastores devem estar posicionados de tal maneira que, num relance, possam ver o que está acontecendo dentro, ao lado e fora dos muros. Devem enxergar à distância. Essa visão os habilita a discernir tendências e movimentos duvidosos, de modo que possam fazer soar o alarme de advertência, preparem a defesa e garantam a completa segurança da igreja.

Adicionalmente, é de vital importância que os membros do corpo de Cristo permaneçam em comunicação clara e constante com o Cabeça da igreja, Jesus Cristo, de quem os pastores, em seu papel profético, são portavozes. Eles não podem ficar em silêncio. Devem falar sempre o que e quando Deus julgar correto, “quer seja oportuno, quer não” (II Tim. 4:2). Jeremias aprendeu o que isso significa: “Quando pensei: Não me lembrarei dEle e já não falarei no Seu nome, então a Sua palavra me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; fiquei cansado de suportar e não consegui deter-me” (Jer. 20:9, Versão Inglesa). E Paulo exclamou: “... ai de mim se não pregar o evangelho” (I Cor. 9:16).

Podemos nós captar a mínima noção de toda a extensão e magnitude do chamado pastoral, da nossa própria vocação? O tipo de pessoa que o pastor é chamado a ser não acontece naturalmente. “Mas o Senhor me disse: Não digas: Não passo de uma criança;

porque a todos a quem Eu te enviar irás; e tudo quanto Eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor. Depois, estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras" (Jer. 1:7-9).

Embaixador de Deus

Porventura é possível à mente humana ponderar a intensidade da força de todos esses elementos de identidade pastoral convergindo e concentrando-se na pessoa do pastor? A tarefa de cuidar e guiar o rebanho torna-se tremenda quando combinada à solenidade do chamado para que ele seja "santo ao Senhor", ensine com autoridade, atue como profeta e esteja pronto para falar quando e o que Deus colocar no coração e na mente do Seu instrumento humano.

Essa pode não ser a maneira usual do pastor pensar a respeito de si mesmo, mas parece ser a idéia bíblica sobre seu caráter e suas tarefas. Nenhuma outra profissão, nenhuma outra atividade, requer tanto investimento da parte de Deus na mente e no coração humanos. Toda fibra do corpo do pastor, toda pulsação e todo momento de seu tempo devem pertencer a Deus. O pastor é um embaixador de Deus, um homem de Deus.

Mas isso não quer dizer que ele deva esquecer-se de si mesmo, nem diminuir a importância do atendimento à vida conjugal, ao lar e à família. Pelo contrário, tudo isso significa que um pastor deve cultivar-se como alguém cultiva uma flor no jardim. Deve proteger-se como alguém vigia cuidadosamente sobre um precioso tesouro. Deve ouvir o seu corpo, sua mente, a dinâmica do casamento bem como as

suas necessidades emocionais, sociais e espirituais.

Afinal, quanto mais valioso é o pastor para Deus e Seu povo, alvo mais interessante ele é para o inimigo em seus ardis. As tentações certamente aparecerão em seus modos mais sutis; até mesmo mascaradas de nutrição e satisfação de suas necessidades pessoais, emocionais e profissionais. Apenas a comunhão íntima com Deus – que também é seu Pastor, Sacerdote, Mestre e Senhor – e a conseqüente concessão de um poder de proporções divinas podem guardá-lo seguro em Seu majestoso serviço. **M**

Referências:

¹ B. B. Wolman, *Dictionary of Behavioral Science* (Nova York: Van Nostrand Reinhold Co., 1973), pág. 220.

² Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), vol. 3, págs. 227 e 228.

³ James C. Fenhagen, *Invitation to Holiness* (San Francisco: Harper and Row, 1985), pág. 44.





DSA incentiva prece solidária

Rubens Lessa e Michelson Borges
Da Redação

Muitos cristãos estão (re)descobrimdo que a oração intercessória dá resultados. Por isso, procuram investir em ministérios de oração. Há na internet vários sites que mantêm um espaço para orações intercessórias. Além disso, programas oficiais estão sendo organizados nesse sentido, em todo o Brasil, pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A idéia é que os membros da Igreja reservem alguns minutos cada dia, sempre no mesmo horário, para orar por assuntos como o fim da violência e a pregação do evangelho.

Lançamento da campanha

Para dar impulso à campanha de oração intercessória, a Divisão Sul-Americana, DSA, publicou, em parceria com a Casa Publicadora Brasileira, a revista *A Oração Faz a Diferença*. A igreja de Moema, na capital paulista, teve o privilégio de, no sábado, 6 de março, ter sido plataforma para o lançamento da revista, cujo maior objetivo é incentivar a prática da oração intercessória em todas as igrejas e grupos adventistas do Brasil. O Pastor Ruy Nagel, presidente da DSA, dirigiu a cerimônia, realizada no final do culto de adoração. Participaram também os Pastores Domingos José de Souza e Sidionil Biazi, presidentes da União Central-Brasileira e da Associação Paulistana, respectivamente.

O Pastor Nagel iniciou o sermão lendo um solene pedido do apóstolo Paulo: “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens” (1 Tim. 2:1). “A oração intercessória é poderosa”, acrescentou o pregador, antes de comentar as orações de Abraão pelos habitantes de Sodoma e Gomorra (Gên. 18) e de Moisés

pelo povo hebreu (Êxo. 32:31 e 32). Focalizou ainda a intercessão “com gemidos inexprimíveis” do Espírito Santo (Rom. 8:26) e a de Jesus em favor dos “que por Ele se chegam a Deus” (Heb. 7:25).

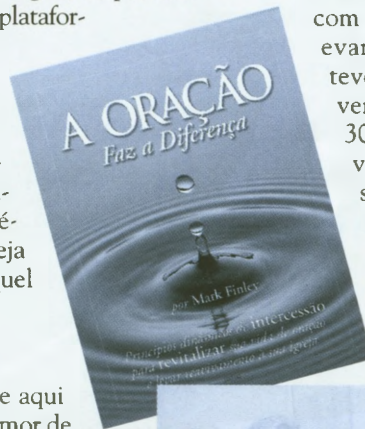
Para estimular os ouvintes a terem interesse na leitura da revista *A Oração Faz a Diferença*, o Pastor Nagel destacou alguns artigos, mostrando que o mesmo Deus que ouviu os patriarcas do passado, está disposto a responder às orações dos que, hoje, intercedem “pelos que estão enfermos, pelos que estão fora da igreja e pelos que ainda não tomaram a decisão de seguir a Cristo”. Feito o apelo, foi erguida uma oração ao Céu em favor das 500 revistas que se achavam sobre uma pequena mesa, logo abaixo do púlpito. A seguir, os pastores que estavam na plataforma entregaram um exemplar a cada membro. Era visível a alegria de todos, especialmente da diretora do Ministério Pessoal da igreja local, Dra. Raquel Fonseca.

Testemunhos

“O que vi hoje aqui é uma prova do amor de Deus”, disse Heber de Matos, ao falar sobre o plano de os membros orarem uns pelos outros em suas necessidades. Sua esposa, Leci, que se dedica ao ministério em favor dos presos, exclamou: “É uma maravilha a proposta desta revista!” Por sua vez, o educador Edilson Santos comentou que “este plano vem ao encontro de um evangelismo prático. É a necessidade de hoje e sempre”.

Dois jovens também se manifestaram. “Muitas pessoas conhecem apenas a teoria da oração, mas esta revista nos ensinará a praticá-la”, afirmou Débora Cavalcante de Moraes. O diretor do Clube de Desbravadores, Roger Apolinário Perli, deu um testemunho eloqüente: “Conheço muita gente que voltou para a igreja como resultado da oração intercessória. Eu mesmo, quando estava meio desanimado na fé, fui alcançado pelas orações de intercessão de membros da igreja.”

A DSA, com o apoio das Uniões e dos Campos, deseja que cada adventista no Brasil leia e estude, neste ano, os artigos da revista *A Oração Faz a Diferença*, a fim de que a Igreja se fortaleça espiritualmente e, assim, proclame com poder a mensagem do evangelho. A campanha teve início em abril, prevendo-se um mínimo de 300 mil exemplares da revista impressos e à disposição dos membros até o fim do ano. Esse plano será também estendido aos sete países de fala castelhana que fazem parte da DSA. **M**



Líderes oram para que revista reavive ministério da oração intercessória

Princípios da oração intercessória

1. A oração intercessória é em prol da salvação e do crescimento espiritual. Ouvimos muito a respeito da oração pela salvação de uma pessoa querida. Mas não enfatizamos a oração contínua em prol do crescimento e do discipulado de alguém. Estamos mais preocupados em ter bebês do que em cuidar deles. Paulo orava pela salvação dos judeus (Rom. 10:1). E orava ainda mais especificamente pelo crescimento espiritual dos novos crentes (Efés. 1:16; 3:16; Col. 1:3 e 9).

2. Às vezes não devemos orar por algumas pessoas. Deus deu a Jeremias uma ordem que soa estranha aos nossos ouvidos: "Não Me peça mais para abençoar este povo; não ore mais em favor dele" (Jer. 14:11, A Bíblia Viva). Teria sido apropriado orar pelo arrependimento e pela salvação deles. Mas o povo de Jeremias de fato precisava da disciplina e das conseqüências resultantes de uma vida afastada de Deus. Se tenho uma pessoa amada que é um "pródigo", devo concentrar

minhas orações em sua vida espiritual mais do que em seu conforto e sucesso.

3. A oração intercessória é poderosa. Não podemos explicar racional e cientificamente por que nossas orações podem ajudar os outros. Tem-se dito que a oração não muda a Deus, muda a nós. Porém, a Bíblia diz que a oração tem muito poder (Tia. 5:16). Há muitas perguntas sobre o que está nos bastidores do grande conflito que ainda não foram respondidas. Mas Deus nos disse que orássemos, e prometeu que a oração teria efeito.

4. Devemos orar pela cura espiritual. Uma das descrições de Jesus é que Ele amou a justiça e odiou a iniquidade (Heb. 1:9). Lutamos às vezes com o oposto. Às vezes amamos o pecado. Deus nos chama a partilhar nossas lutas com os amigos e a orarmos uns pelos outros. Prestar contas de nossa vida espiritual aos outros é fator importante. Não vamos muito longe sozinhos.

"Você e eu não somos os mestres de nosso destino nem os capitães de nossas almas. Devemos ser inteira, contínua e completamente dependentes da misericórdia de Deus, se quisermos fazer a obra do Senhor ao modo dEle."

Charles Swindoll

"O ministério acontece quando os recursos divinos encontram-se com as necessidades humanas mediante canais amorosos, para a glória de Deus."

Warren Wiersbe

HUMOR

Às vezes me sinto depressivo, sem nenhuma vontade de trabalhar.

O irmão precisa vencer o espírito da ociosidade.



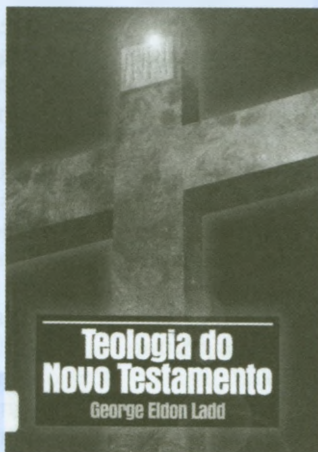
Acho que sou um gastador compulsivo. Agora mesmo, sinto vontade de lhe pagar só por estar me ouvindo, como se o senhor necessitasse de dinheiro.

O irmão tem o espírito de revelação.



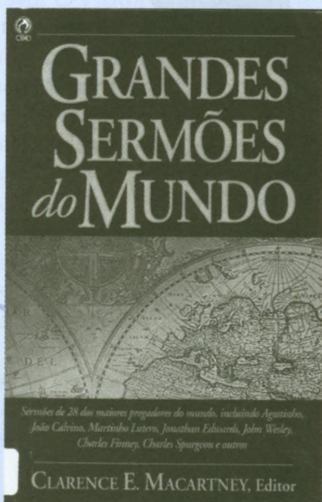
TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO – George Eldon Ladd, Editora Hagnos, *telefax (11) 5666-1969; e-mail hagnos@hagnos.com.br 584 páginas.*

Neste volume, o autor consegue lidar com o que há de melhor na pesquisa da teologia do Novo Testamento. Sua abordagem, bem documentada quanto às fontes utilizadas, sem prejuízo da parte didática, demonstra de modo vivo e claro os principais problemas e perspectivas de solução no domínio dos documentos básicos da fé cristã que, posteriormente, foram identificados como um cânon especial sob o título de Novo Testamento. Em sua leitura, pastores, professores e líderes em geral encontrarão ricos subsídios para sermões, palestras e estudos bíblicos.



GRANDES SERMÕES DO MUNDO – Clarence E. Macartney (editor), Casa Publicadora das Assembléias de Deus, Caixa Postal 331; 20001-970 Rio de Janeiro, RJ, 367 páginas.

Este trabalho apresenta sermões de 28 dos maiores pregadores que já proclamaram o Evangelho, bem como um esboço bibliográfico de cada um deles. Veja como esses magistrais pregadores argumentaram com pecadores, incentivaram os justos e entoavam louvores sublimes e eloqüentes ao Salvador. Eles alteraram o curso da História e compeliaram nações inteiras a buscar a Deus. Martinho Lutero, Jônatas Edwards e Charles Spurgeon são apenas alguns dos heróis do púlpito cujos sermões estão incluídos neste livro.



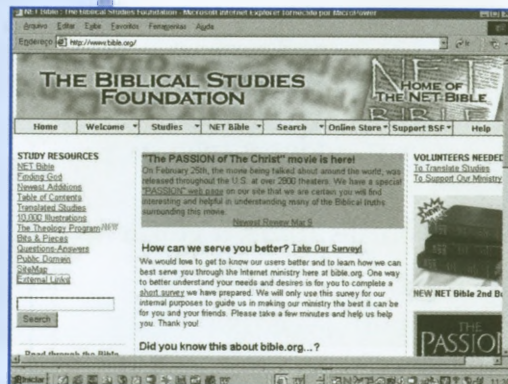
Clarence E. Macartney, o editor desta obra, falecido em 1957 aos 78 anos, foi pregador e escritor famoso, que serviu a várias igrejas presbiterianas nos Estados Unidos.

VEJA NA INTERNET www.bible.org

Esse site, mantido pela *The Biblical Studies Foundation*, contém grande quantidade de materiais para o auxílio no estudo da Bíblia. Além do que está anunciado na página inicial, como a coleção de fotos da Palestina feitas por satélite, o acesso a todo o acervo é feito basicamente pelos links que ficam na coluna mais à esquerda da tela. Destaques: *NetBible* – uma nova versão da Bíblia em inglês, chamada *New English Translation*, iniciativa da Sociedade de Literatura Bíblica, que se destaca pelo excelente conteúdo de suas mais de 60 mil notas de rodapé. *Table of Contents* – é o índice dos estudos sobre a Bíblia, que estão divididos em: Antigo Testamento, Novo Testamento, Teologia, Vida Espiritual, História da Igreja e Subsídios para Pastores. Em *Translated Studies* há uma boa quantidade de textos sobre vários temas religiosos, já traduzidos para o português.

Tenho apreciado bastante a seção *10.000 Illustrations* que é um arquivo de ilustrações para sermões, em ordem alfabética. Há também uma ferramenta de busca em *Search Illustrations*.

Bits & Pieces contém textos, pensamentos, histórias, humor. *Public Domain* traz Bíblias, Comentários e Dicionários Bíblicos, que podem ser consultados na tela ou impressos parcialmente. *Márcio Dias Guarda*, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira





Divulgação

O pastor e seus hormônios

Jonas Arrais

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Uma senhora participava de uma festa de sua antiga turma do colegial. Na ocasião, ao rever uma colega, disse-lhe que tinha se casado com um pastor. Diante da informação, um sinal de lamento cruzou o rosto da amiga: "Sinto muito", disse ela, reduzindo a voz a um sussurro. "É uma pena, porque sexo é muito bom."

Há quem pense que o pastor, por ser um líder espiritual, é um ser assexuado, ou um tipo de anjo que vive em um mundo sem tentações. Mas os pastores possuem hormônios e enfrentam tentações como qualquer pessoa. E as estatísticas demonstram que a sexualidade está no topo da lista dos perigos que os ameaçam.

Ellen G. White já afirmou que os líderes espirituais são um alvo especial dos ataques do inimigo. "As tentações especiais de Satanás são dirigidas contra o ministério. Ele sabe que os ministros são apenas entes humanos, não possuindo em si mesmos graça nem santidade. ... Procura, portanto, com toda a sua habilidade, induzi-los a pecar, sabendo que seu cargo torna o pecado nelas mais excessivamente maligno; pois, pecando, tornam-se eles próprios ministros do mal" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 124). O pastor, sua família, o ministério pastoral e a Igreja sofrem quando um líder espiritual comete um pecado moral.

Analisemos algumas razões por que eles enfrentam dificuldades nessa área:

A natureza do trabalho. O trabalho do pastor proporciona uma confiança íntima, permitindo-lhe atuar como conselheiro familiar e sexual. Os horários flexíveis do trabalho diário e as oportunidades para entrar na intimidade de outros podem favorecer oportunidades perigosas. O limite entre a comunicação íntima e o comportamento íntimo, nesse caso, é muito tênue.

Negligência espiritual. Alguns podem pensar que, por serem pastores, sua vida devocional e espiritual está bem e que são naturalmente imunes a certas fraquezas. No entanto, sua santidade não é derivada da função que exercem.

O mito do pedestal. O pastor sempre é visto de forma atraente e quase perfeita. Nesse caso, a fama pode ser um afrodisíaco. As pessoas são atraídas não apenas pelo poder, mas também para indivíduos poderosos.

O mito da invulnerabilidade. Sempre há alguém querendo quebrar esse mito. Não importa quão grande seja a experiência ministerial passada ou aparente maturidade sexual; o pastor não está isento dos ataques do inimigo. Ele não deve pensar que é invulnerável.

Crise conjugal. Tornamo-nos mais vulneráveis às tentações quando o relacionamento em casa não vai

bem. Aqui, o diálogo com o cônjuge e uma vida conjugal saudável e satisfatória são fatores que podem ajudá-lo; embora uma crise familiar não desculpe o erro.

Ausência de casa. Por força das atividades, alguns são levados a permanecer vários dias longe de casa. Paulo adverte que os casais deveriam manter uma intimidade consistente para que Satanás não os tente pela falta de autocontrole (I Cor. 7:4 e 5).

Trato com o sexo oposto. Em quaisquer circunstâncias, o pastor precisa cultivar um alto padrão ético no relacionamento com as mulheres. Evitar a aparência do mal é o primeiro passo.

Mas alguns cuidados podem ajudar o pastor a vencer a tentação:

Fortaleça a vida devocional. Jamais negligencie a comunhão pessoal com Deus. Não permita que uma agenda apertada roube esse tempo a sós com o Senhor. Saiba que, "mediante a graça de Cristo, os homens podem adquirir estrutura moral, força de vontade, e estabilidade de desígnio. ... Aquele que vive segundo os princípios da religião bíblica, não será encontrado falto de moral" (*Idem*, págs. 126 e 127).

Fortaleça a vida matrimonial. Se algo não está bem no seu relacionamento conjugal, procure, com oração e comunicação, resolver seus problemas. O seu êxito depende, em muito, de quão bem você vive com seu cônjuge.

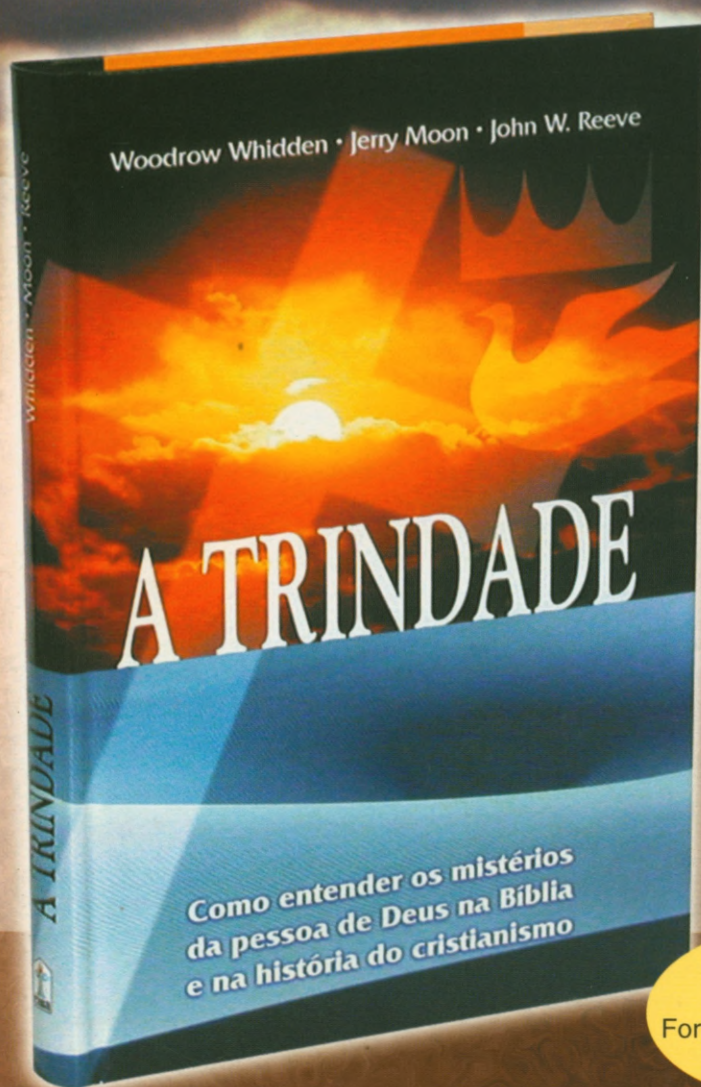
Pratique a higiene mental. Evite ler, ver e ouvir tudo o que possa despertar desejos não santificados. Mantenha o controle e o sábio uso da televisão, da internet e de outros materiais que podem ser uma isca para a queda espiritual.

Seja profissional. Evite a aparência do mal e seja responsável para com o chamado de Deus. Procure ser fiel para com a responsabilidade e a confiança que a Igreja lhe depositou.

Procure ajuda. Pode chegar um momento em que a ajuda de um colega ou de um profissional de confiança seja necessária. Buscar conselho nessas horas não é sinônimo de fraqueza, mas de sabedoria.

Lembre-se: "Um pecado acariciado pouco a pouco aviltará o caráter, levando todas as suas faculdades mais nobres em sujeição ao ruim desejo. A remoção de uma única salvaguarda da consciência, a condescendência com um mau hábito sequer, o descuido das elevadas exigências do dever, derribam as defesas da alma, e abrem o caminho para entrar Satanás e transviar-nos. O único meio seguro é fazer nossas orações subirem diariamente, de um coração sincero, como fazia Davi: 'Dirige os meus passos nos Teus caminhos, para que as minhas pegadas não vacilem.' Sal. 17:5." – *Patriarcas e Profetas*, pág. 452. **M**

Entenda melhor e fortaleça sua crença na Trindade



Embora faça parte das crenças fundamentais dos adventistas, a Trindade tem sido questionada por uma minoria crescente dentro da Igreja. Este livro vem em resposta às questões-chaves em discussão: a divindade de Jesus; a personalidade do Espírito Santo; e a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tudo com base na Bíblia.

E mais: aponta a Trindade como modelo de relacionamento harmonioso a ser seguido pelos membros da família e da igreja.

Peça já *A Trindade* e entenda melhor esta crença que é uma das centrais do Cristianismo.

Páginas: 330
Encadernado
Formato: 14 x 21 cm
Cód. 7728

Para fazer seu pedido, ligue 0800-990606*, acesse www.cpb.com.br, ou entre em contato com o SELS da sua Associação.

* Chamada gratuita. Só recebemos ligações de telefones convencionais.

Casa Publicadora Brasileira

